



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

MULHERES E MEMÓRIAS: UM ESTUDO DA OBRA *O AFETUOSO LIVRO DAS CARTAS*, DE DÔRA LIMEIRA

MAYRA LIRA DA COSTA

CAMPINA GRANDE

AGOSTO/ 2018

MAYRA LIRA DA COSTA

MULHERES E MEMÓRIAS: UM ESTUDO DA OBRA *O AFETUOSO LIVRO DAS CARTAS*, DE DÔRA LIMEIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Campina Grande, como pré-requisito do componente curricular Monografia em Literatura, do curso de Letras-Língua Portuguesa, no semestre 2018.1.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosângela de Melo Rodrigues

CAMPINA GRANDE

AGOSTO/ 2018

C837m Costa, Mayra Lira da.
Mulheres e memórias : um estudo da obra *O afetuoso livro das cartas*,
de Dôra Limeira / Mayra Lira da Costa. - Campina Grande, 2018.
54 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua
Portuguesa) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de
Humanidades, 2018.

"Orientação: Profa. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues".

Referências.

1. Literatura. 2. Escrita Feminista. 3. Velhice - Autoficção. 4.
Memórias - Autoficção. 5. Escritora Dôra Limeira. I. Rodrigues, Rosângela
de Melo. II. Título.

CDU 811.134.3(043)

MAYRA LIRA DA COSTA

MULHERES E MEMÓRIAS: UM ESTUDO DA OBRA *O AFETUOSO LIVRO DAS CARTAS*, DE DÔRA LIMEIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Campina Grande, como pré-requisito do componente curricular Monografia em Literatura, do curso de Letras-Língua Portuguesa, no semestre 2018.1.

Data de Aprovação 10 de Agosto de 2018

Dra. Rosângela de Melo Rodrigues (Orientadora) - UFCG

Ms. José Mário da Silva Branco (Examinador) - UFCG

Dr. José Edilson de Amorim (Examinador) - UFCG

Através de minhas filhas e netos, tenho feito amizades lindíssimas, gente sem preconceito, gente que me quer bem sem querer saber se sou velha, se sou nova, se bonita, se feia, sobretudo sem me perguntar qual minha idade.

Dôra Limeira

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me fortalecido para concluir este trabalho. Só Ele conhece os encontros e desencontros que passei nesta caminhada.

À minha família por ter estado ao meu lado durante todo o percurso das observações, análises e escrita.

À minha orientadora, que conhecendo alguns dos meus desencontros e desconhecendo outros, sempre foi ponto de apoio e positividade para que eu concluísse este trabalho.

À minha turma do semestre de 2012.2 que sempre me fez ir além diante das dificuldades encontradas no dia a dia das disciplinas e do curso como um todo. À Dayane, Edvania, Fernanda, Joseane, Josielton e Rafaela (em ordem alfabética para não desagradar nenhum deles), que foram sóis a cada noite escura durante o percurso do nosso curso, o meu ‘obrigada’, pois, se faltasse um de nós em nosso círculo de amigos, teríamos desistido de seguir o caminho até o final.

Agradeço também aos professores e funcionários da Unidade Acadêmica de Letras que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a conclusão deste trabalho. A Manassés, pelo incentivo ‘firme e forte’ na reta final da escrita, aos professores da banca, Edilson e José Mário, por contribuírem com os ajustes ao nosso trabalho e, em especial, e sem desmerecer ninguém, agradeço a Maria Angélica, Milene, Paloma, Rosângela e Sandra Sueli, mulheres que me influenciaram a amar ainda mais o ‘ser professora’ e, mesmo estando consciente das dificuldades da sala de aula, me ajudaram a saber que posso fazer alguma diferença na construção do aprendizado dos meus alunos.

Aos meus filhos, Pedro e Izabel, grandes amores da minha vida.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo compreender como as memórias e as mulheres se apresentam na autoficção da escritora paraibana Dôra Limeira, em especial, no livro *O afetuoso livro das cartas*, que é objeto de estudo de nossa pesquisa. Através de uma metodologia qualitativa e bibliográfica, analisamos 3 cartas do livro à luz de teóricos como Agra do Ó (2010), Bosi (1987; 2003), Silva & Gomes (2017); Rodrigues (2016), Silva (2010), Amorim (2011), Candido (2002; 2014), Lejeune (2014), Ludmer (2009), Schøllhammer (2009) discutindo a respeito das funções da literatura, da escrita de si, da escrita feminina, da autoficção, da Literatura Pós-autônoma e das memórias apresentadas por uma mulher idosa e seu impacto na vida da própria autora, percebendo ainda como a escrita da autora ainda se faz cambiante entre a ordem do patriarcalismo e a dependência da figura masculina para viver em sociedade e manter-se jovem.

Palavras-chave: Literatura. Autoficção. Escrita feminista. Velhice. Memórias. Mulheres.

Sumário

1. Introdução.....	09
2. Capítulo I: Uma carta não é (apenas) uma carta.....	12
2.1. A mulher por trás das cartas	16
2.2. As afetuosas cartas para além da informação	17
3. Capítulo II: Memórias escritas	22
4. Capítulo III: Quando a escrita de mulheres se converte em canto de sereia	36
5. Considerações Finais	43
6. Referências Bibliográficas.....	45
7. Anexos.....	47

1. Introdução

Muitos daqueles que constituem a sociedade ainda estigmatizam outros tantos que participam de sua construção. Sociedade nomeada por estudiosos como pós-moderna, mas que ainda escanteia, exclui e utiliza-se de preconceitos para com mulheres, negros, homossexuais, pobres, transexuais ou outras minorias sociais que fujam às regras impostas pela elite que preconiza o que deve ser seguido pelo restante da sociedade.

À essas minorias¹ cabe a função de incomodar essa elite que deseja continuar a delinear os construtos e limites de nossa sociedade, especialmente quando nos referimos às mulheres idosas² que incomodam e fazem-nos ver refletidas nossas ações para com essas pessoas.

Acreditamos por muito tempo - e muitos ainda o fazem - que pessoas idosas eram inutilizadas para qualquer tipo de tarefa que não a de ficar em casa, em meio à solidão e a medicamentos, sem fazer absolutamente nada, a não ser esperar pela chegada da morte. Depois dos 60 anos de idade não deveria, nem lhe seria dado o direito de trabalhar, ser saudável nem muito menos de ter uma vida sexual ativa ou amar. Mais tendencioso ainda à improbabilidade seria a possibilidade de uma mulher idosa estar ativamente trabalhando após os 70 anos de idade, não estar casada e, menos ainda, estar apaixonada por um homem mais novo, ainda que a juventude desse homem possa servir para validar sua própria juventude.

Assim acontece com Ismália, personagem de Dôra Limeira no livro que é objeto de estudo do presente trabalho: *O afetuoso livro das cartas*, publicado no ano de 2015 pela editora Ideia. Através das cartas de Ismália para Nomar - nome que é um dos anagramas da palavra amor, o que também nos faz enxergar a possibilidade desse personagem ser alegórico -, primo bem mais novo de nossa protagonista a quem ela conhece numa livraria, a autora nos permite refletir a respeito da constituição de nossa sociedade, de como ela mudou e permaneceu ao longo de suas memórias. Ao longo da narrativa, podemos perceber como a Literatura Contemporânea apura a sensação de incômodo através dos reflexos sociais apresentados nas páginas do nosso objeto de estudo, de como podemos perceber como a

¹ E aqui não falamos em relação à quantidade, mas, em relação ao poder na sociedade comandada pela elite que acredita ser a única a delinear a situação dessa mesma sociedade.

² Trazemos o termo 'idosas' como sinônimo utilizado por boa parte da sociedade quando esta se refere a pessoas com mais de 60 anos de idade, o que não significa que, necessariamente, concordamos com a adequação do termo.

sociedade trata aqueles que fogem às regras morais e sociais impostas pela elite econômica que a comanda.

A partir das discussões ocorridas na disciplina de Literatura Paraibana ministrada pela professora Rosângela de Melo Rodrigues, que cursamos no semestre 2017.1, sentimos uma maior necessidade de aprofundar os incômodos causados por um livro escrito por uma mulher idosa que fala de si, dos costumes e hábitos de uma sociedade que, muitas vezes, exclui os que têm coragem de, por meio de suas memórias, falar do lugar que ocupam e das escolhas que os fizeram seguir por caminhos nada convencionais para uma sociedade na qual o pensamento machista ainda é predominante.

Nossa pesquisa se faz relevante quanto à sua importância e ineditismo, auxiliando no estudo de diversas pesquisas e como material de apoio para disciplinas como Teoria da Narrativa, Literatura Paraibana e Ficção Brasileira Contemporânea, já que é o primeiro trabalho acadêmico dentro da Unidade Acadêmica de Letras sobre Dôra Limeira. A autora nasceu em João Pessoa no ano de 1938 e faleceu na mesma cidade em 2015. Era historiadora aposentada pela Universidade Federal da Paraíba quando começou a escrever. Foi uma das fundadoras do Clube do Conto e ativista do movimento feminista.

O afetuoso livro das cartas, objeto do presente trabalho, é a compilação de 37 cartas enviadas por Ismália, personagem de 72 anos de idade, para seu primo mais novo, Nomar. Das 37 cartas que compõem o livro, nos deteremos a analisar 3 delas. Na ordem em que se apresentam no livro, respectivamente, a 1ª, 2ª e 9ª cartas, nas quais temas como o interesse pela juventude e beleza do primo, as memórias de uma mulher idosa a respeito de uma sociedade e dos costumes desta a partir de uma fotografia e a necessidade de ter uma figura masculina ao lado se fazem presentes através da narrativa de Ismália.

Tomamos como ponto de partida de nossa pesquisa o seguinte questionamento: “As cartas de Dôra se constituem, dentro da Literatura do século XXI e dos estudos culturalistas, como discursos de representação do feminismo?”. Para alcançarmos nossas proposições, lançamos mão de uma metodologia qualitativa e bibliográfica e elencamos os seguintes objetivos: Compreender que, dentro da Literatura, uma carta pode assumir a função de explicitar os sentimentos e os reflexos de uma sociedade; Refletir através das cartas escolhidas a importância das memórias de uma personagem mulher e idosa na construção de

uma sociedade; e Repensar a escrita feminina de Dôra Limeira a partir dos sentimentos apresentados nas cartas e dos limites entre ficção e realidade.

Para a discussão sobre cartas e memórias pessoais usaremos Agra do Ó (2010), Bauman (2009), Bosi (1987; 2003), Gonçalves; Barbosa & Brandini (2014) e Silva & Gomes (2017); para abordagem da escrita de mulheres e do estudo da autora empregaremos Rodrigues (2016) e Silva (2010); para estudo e análise da Literatura, escrita de si, ficção e autoficção e Literatura Pós-autônoma utilizaremos Amorim (2011), Candido (2002; 2014), Lejeune (2014), Ludmer (2009), Perrone-Moisés (2016), Sarlo (2007), Schøllhammer (2009) e Touraine (2010).

Nosso trabalho encontra-se dividido em: Introdução; Capítulo I, no qual se encontra uma discussão sobre a Literatura e suas funções, a Literatura Pós-autônoma, a vida e obra da autora, um resumo do livro que é corpus da pesquisa, a diluição das fronteiras entre ficção e realidade, as cartas como instrumento de sociabilidade dos idosos, como extensão da vida e da memória, como escrita de si e autoficção; Capítulo II, no qual se encontra a análise do corpus de nossa pesquisa; Capítulo III, no qual se encontra a construção de si nas cartas estudadas e na obra de Dôra Limeira e de como esta autora é ambivalente com relação a escrita feminista; Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

2. Capítulo I: Uma carta não é (apenas) uma carta

Ao mencionarmos a capacidade que a Literatura tem de reafirmar a humanidade dos homens, nos deparamos com o conceito de Candido (2002) quanto à função humanizadora da Literatura no tocante ao papel que as obras literárias desempenham na nossa sociedade e, conseqüentemente, naqueles que as leem.

Quanto a ideia de função humanizadora, percebemos uma inclinação para o lado de seu valor bem como para o lado da pessoa, já que essa função envolve aquele que produz determinada obra e aquele que a consome, que lê: escritor e leitor encontram-se intimamente imbrincados no processo de construção da obra e possível função da Literatura. Nessa percepção, refletimos a respeito do que nos diz Candido (2002) sobre essa ideia de função da Literatura

a ideia de função provoca não apenas uma certa inclinação para o lado do valor, mas para o lado da pessoa; no caso o escritor (que produz a obra) e o leitor, coletivamente o público (que recebe o seu impacto). De fato, quando falamos em função no domínio da literatura, pensamos imediatamente: 1) em função da literatura como um todo; 2) em função de uma determinada obra; 3) em função do autor - tudo referido aos receptores. (CANDIDO, 2002, p. 78)

Nesse sentido, podemos mencionar como o romance, bem como outros gêneros, refletem a vida que dele advém, os significados e os valores que fazem parte dessa vida e da vida daquele que o escreve. Os reflexos do que acontece na vida, são expressos nas ficções, pelo autor, por meio do enredo e das personagens que o constituem. Como afirma Candido, “Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (CANDIDO, 2014, p. 54).

A Literatura também tem a função de nos³ despertar o interesse pelos elementos que a constituem - como conceitua Candido (2002) ao tratar dos elementos contextuais - pois, somos levados a essa função por conta de nossa identidade e de nossas referências sociais e culturais, de saber como aquela obra foi escrita, a partir de quê ela se constituiu, já que não conseguimos deixar de lado os questionamentos do/no mundo em que vivemos, por serem tais obras e a função que damos a elas, reflexos dos contextos que nos envolvem. A esse respeito, Candido (2002)⁴ defende

³ Referimo-nos aqui enquanto leitores de determinada obra literária.

⁴ O mencionado texto de Candido é um ensaio resultante a partir de uma conferência.

a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. (...) somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto se forma a partir do contexto, até constituir uma independência dependente (...) é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos. (CANDIDO, 2002, p. 79)

A força humanizadora da Literatura é algo que exprime o homem ao mesmo tempo em que atua na formação dele mesmo. Exprime boa parte do que as pessoas pensam, refletem, vivem, bem como reflete aquilo que constitui e constrói o que forma a sociedade em seus diversos segmentos, seja o social, o psicológico, o cultural, o político. As funções que a Literatura assume se fazem intimamente ligadas à força humanizadora que ela tem na construção dos leitores.

Podemos observar que o acato afetivo, e também intelectual, por parte do leitor através de identificações, de projeções, de envoltimentos, de incômodos, acontece exatamente por causa das personagens e do enredo que estão envolvidos no construto do romance e que refletem e defletem - já que interferem diretamente no leitor, pois o discurso literário é polissêmico e social - os próprios acontecimentos, a vida real⁵. Assim como afirma Candido (2014), nos romances

avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos. (...) Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais *vivo* no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da *verdade* da personagem por parte do leitor (Grifos do autor). (CANDIDO, 2014, p. 54)

Devemos atentar ainda para o fato de que a personagem é um todo coeso ao lado do enredo e das ideias que são apresentadas durante toda ficção, seja romance, cartas, crônicas, que são lidas.

A Literatura como força humanizadora é algo que atua na expressão do homem tanto quanto participa da sua própria formação. Para que tal fato ocorra, Candido (2002) demarca algumas funções dessa Literatura. A primeira delas é a função psicológica que se baseia em uma espécie de necessidade universal que os homens possuem de ficção e de fantasia que é, coextensiva a ele e aparece invariavelmente na sua vida. O autor ainda nos expõe que a

⁵ Referimo-nos aqui à binaridade entre romance/ficção e realidade.

Literatura é uma das maneiras pelas quais encontramos respostas para a necessidade universal de busca de fantasias (CANDIDO, 2002). E nos diz mais ao mencionar que

A fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade. (...) Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura (Grifo do autor). (CANDIDO, 2002, p. 81)

Para Candido (2002) a Literatura também tem a função educativa, na qual educa e humaniza, contudo, não pedagogiza. A Literatura forma e age “com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela” (CANDIDO, 2002, p. 83). Assim, educa e ensina na mesma intensidade com que a própria vida constrói o homem, contribuindo, dessa maneira, para a formação da personalidade humana. Nas palavras de Candido, a Literatura “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

A essas duas funções anteriormente mencionadas, acrescentamos ainda a função da Literatura de representar uma dada realidade social e humana, o conhecimento do mundo e do ser. A Literatura tem suas fontes de inspiração no real e tem capacidade de atuar sobre esse real e sobre a vida daqueles que nele estão inseridos. Como afirma Candido (2002)

(...) a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele”. (CANDIDO, 2002, p. 85)

Tendo isso sido exposto, devemos mencionar ainda outra função que a Literatura assume na contemporaneidade: a função de incomodar aqueles que a leem e que são encaminhados a deixar de ocupar o lugar antes ocupado, de um leitor que, normalmente, lia para deleite e prazer. Diante de uma Literatura que apresenta as inquietações do mundo pós-moderno, suas estranhezas, realidades conflitantes e a diluição das fronteiras, que até então, eram fixas no tocante ao que seria ficção ou literário, os leitores são impulsionados a refletirem mais sobre o que acontece ao seu redor e na sociedade em que estão inseridos.

A contemporaneidade, que assume novos conceitos nessa Literatura, permite que o lugar de autor de hoje seja um não-lugar, é dínamo pelo fato das pessoas passarem, transitarem, sem terem uma identidade fixa, nas palavras de Bauman (2009) “Antes um projeto para toda a vida, a identidade agora se transformou num atributo momentâneo. Uma

vez planejada, não é mais construída para durar eternamente: precisa ser continuamente montada e desmontada.”(BAUMAN, 2009, p. 22). O contemporâneo na atualidade assume como seu sinônimo, a fragmentação, o intempestivo, o inconformismo enquanto que seu autor não se adapta à sociedade, pelo contrário, ele questiona e fica de fora para falar e para intervir nesse presente em que está inserido sem, necessariamente, fazer parte dele ou, muito menos, concordar com ele. Como nos afirma Schøllhammer (2009)

O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. (...) é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 9-10)

A Literatura se apresenta na contemporaneidade como uma alternativa para que as pessoas se relacionem e interajam em um mundo que se faz difícil de capturar, no qual as fronteiras e as identidades se diluem a todo instante. Cada um faz sua escrita, a partir da visão que tem de mundo e das vivências e realidades a que está submetido. Hoje, a função literária de incomodar, de ‘tirar o chão’ e de descentralizar se apresenta de maneira mais intensa porque nos auxilia na reflexão dos temas abordados, sendo social e intimista ao mesmo tempo em que se faz mística e ficcional, nos fazendo questionar nossas próprias atitudes e costumes sociais e culturais.

Essa Literatura que incomoda e que faz com que o ser humano se depare com temas até então considerados tabus, os quais não se comentavam nem muito menos se refletiam e discutiam sobre, é o que se conceitua hoje como Literatura Pós-Autônoma. As preocupações com o que, de fato, seria Literatura e as fronteiras que a delimitavam, são deixadas de lado, pois a escritura do presente atravessa as próprias fronteiras do que é ser Literatura e da realidade ou ficção. De acordo com Ludmer (2009) a respeito do que se escreve no presente, a autora afirma

Estas escrituras no admiten lecturas literarias; esto quiere decir que no se sabe o no importa si son o no son literatura. Y tampoco se sabe o no importa si son realidad o ficción. Se instalan localmente y em uma realidade cotidiana para ‘fabricar presente’ y ése es precisamente su sentido. Muchas escrituras del presente atraviesan la frontera de la literatura. (...) Ese fin de ciclo implica nuevas condiciones de

producción y circulación del libro que modifican los modos de leer. Podríamos llamarlas escrituras o literaturas postautónomas. (LUDMER, 2009, p. 41-42)

A maneira de escrever essa Literatura na contemporaneidade sai dela própria e entra na realidade e no cotidiano. Destroem-se as fronteiras que existiam até então entre ficção e realidade.

2.1. A mulher por trás das cartas

Em se tratando da escrita de si⁶, *O afetuoso livro das cartas* é uma das referências paraibanas na Literatura Contemporânea. Publicado no ano de 2015 e de autoria - da também paraibana - Dôra Limeira, o livro que é objeto de estudo do presente trabalho é marcado por uma linguagem jovial e mostra a personalidade forte da autora e que abarca temas como a religiosidade, a militância, o comprometimento com o real, a inquietação a respeito da vida e do que envolvia a velhice, a excitação pelo simples fato de viver e as lágrimas de um esquecimento e de uma solidão próprias de quem é velho e vive numa sociedade, marcadamente, preconceituosa.

Maria das Dores Limeira Ferreira dos Santos nasceu em João Pessoa, no ano de 1938 e residia no bairro dos Bancários. Era historiadora aposentada pela Universidade Federal da Paraíba e, enquanto professora, atuou em diversos movimentos docentes. Ingressou no movimento literário no início da década de 1990 e se dedicou, assim como sua personagem Ismália, a lançar livros depois dos 60 anos de idade, após aposentar-se. No ano de 2002 participou da coletânea Todas as Estações-Concurso Talentos da Maturidade/ Banco Real e em 2003 foi eleita a Revelação Literária pelo Suplemento Cultural Correio das Artes com o livro *Arquitetura de um abandono*. Foi uma das fundadoras do Clube do Conto.

Assim como a personagem da obra, Dôra era viúva e tinha cinco filhos, dez netos e quatro bisnetos, tendo o único filho homem se suicidado. Faleceu em agosto de 2015 por conta de complicações do diabetes e hipertensão, quatro meses depois da publicação de *O afetuoso livro das cartas*. Em toda sua obra revela-se sua formação em colégio religioso, sua militância política e sindical, e seu gosto musical. Ficção e realidade se misturam. Em sua obra literária destacam-se seus seis livros publicados: *Arquitetura de um abandono* de 2003,

⁶ Esse tema será discutido melhor no próximo subcapítulo deste trabalho.

Preces e orgasmos dos desvalidos de 2005, *O beijo de Deus* de 2007, *Os gemidos da rua* de 2009, *Cancioneiro dos loucos* de 2013 e *O afetuoso livro das cartas* de 2015.

Em grande parte de sua obra, percebemos a fragmentação típica do romance pós-moderno, no qual todo o enredo faz referência a uma colcha de retalhos. A autora funde sua vida com a obra, fala do ser humano em suas diversas facetas, do seu lado heroico, covarde, dominado e submisso. Fala daqueles que sobram, que restam, que excedem os corpos na sociedade e traz à tona diversas realidades, através dos sussurros do cotidiano, daqueles que não possuem voz e de necessidades de diversas esferas. Fala ainda do desespero, do lamento por um filho morto, por um sonho desfeito, por uma mutilação de/na vida. Todas as temáticas refletem partes de sua própria vida, de seus temores, de suas lutas, de suas vivências.

Na obra de Dôra Limeira podemos perceber o encontro da ficção com sua vida. Sua vida é dividida em duas etapas: antes e depois da perda de seu filho. A autora liberta-se quando descobre um mundo multifacetário, no qual pôde perceber que podia falar a respeito de temas mais subjetivos, de outras coisas que não a morte de seu filho. Toda a sua obra acaba por ser perpassada de denúncias, de reflexões, de murmúrios, de abandonos que presenciou ou que viveu. Contudo, é na sua última obra - objeto de nosso estudo - que podemos perceber de maneira marcante, o envolvimento entre ficção e realidade. É nas suas afetuosas cartas que a autoficção se revela, um encontro entre a ausência do filho, a solidão e o esquecimento.

O afetuoso livro das cartas é a compilação de 37 cartas enviadas por Ismália, personagem de 72 anos de idade, para seu primo mais novo, Nomar. Nas cartas, temos contato apenas com as ‘missivas’ de Ismália e, assim, podemos visualizar somente a fala de nossa personagem feminina, com seus medos e desencontros. Por meio dessas cartas, observamos comportamentos sociais, costumes, tradições familiares e sociais antigas, reflexões acerca de posicionamentos diante de velhos, de mulheres e de memórias que nos fazem refletir sobre nossos próprios comportamentos.

2.2. As afetuosas cartas para além da informação

As afetuosas cartas de Limeira (2015) nos apresentam a comunicação entre os dois personagens principais do romance. Ismália e Nomar, que até pouco tempo não se conheciam - embora sendo primos e morando na mesma cidade - passam a trocar cartas, nos passando o

objetivo de se conhecerem⁷. As cartas são recebidas e enviadas por e-mail, mantêm a mesma estrutura das cartas escritas antigamente, com saudações, assunto e despedidas, porém, não apresentam apenas a função de comunicar como possuíam em tempos passados. Como demonstra Silva e Gomes (2017)

A carta, hoje, não possui mais a representatividade comunicativa que possuía no passado, devido à substituição por formas de comunicação mais rápidas, como o e-mail, por exemplo. Apesar disso, ela é considerada um dos gêneros fundamentais às investigações linguísticas, sobretudo na perspectiva histórica da língua e do texto, uma vez que guarda as marcas das condições de produção de diferentes sincronias passadas. Ao longo da história, diversas relações têm sido estabelecidas através da carta e diversas finalidades são a elas atribuídas (...) a carta pode assumir o papel de um tratado de ciência, de um relato histórico-geográfico, de uma obra literária (...). (SILVA & GOMES, 2017, p. 208)

Ainda que o meio de veiculação possa ser responsável pela modificação da função de uma carta atualmente, não é o único responsável ao pensarmos nas cartas objetos de nosso estudo, pois, não é o meio que muda, mas a finalidade que apresentam as cartas de Limeira (2015), especialmente quando nos referimos a elas no contexto da Literatura Pós-autônoma, na qual as fronteiras do que é ficcional e literário se diluem rapidamente, tendo em vista também que “um gênero pode assumir a forma de outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação” (KOCH & ELIAS, 2007 *apud* SILVA & GOMES, 2017, p. 218).

A carta também pode se configurar como um hipergênero, já que ela pode nomear diferentes gêneros que, ao longo do tempo, foram ganhando autonomia como, por exemplo, a carta pessoal e a carta comercial (SILVA & GOMES, 2017). A carta evolui durante o processo histórico e, enquanto gênero, possui função de acordo com cada época e no desenvolvimento de outros gêneros, passando por diversos universos discursivos. Ainda de acordo com Silva & Gomes (2017), “no universo discursivo da literatura, a missiva também pode, em alguns casos, ser considerada no limite entre os gêneros literários e cotidianos. A diferença entre uma carta pessoal e uma carta literária, por vezes, é muito tênue” (SILVA & GOMES, 2017, p.208).

As cartas que Limeira (2015) nos apresenta encontram-se no limite do gênero da carta pessoal, já que percebemos formas de comunicação que são perpassadas por características informais espontâneas, marcadas pela proximidade e intimidade existentes entre o remetente e

⁷ Embora não tendo acesso às cartas de Nomar, podemos perceber que estavam trocando cartas com o intuito de se apresentarem, se conhecerem e relembrem os fatos ocorridos em seu ramo familiar comum.

o destinatário. Corresponde a um contato privado entre pessoas que, normalmente, mantêm uma relação estreita. Assim, a partir do que menciona Silva & Gomes (2017), podemos confirmar o que caracteriza esse gênero como “...carta pessoal, forma de comunicação influenciada por características informais e espontâneas (...) são essencialmente marcadas pela espontaneidade, proximidade comunicativa e por diferentes níveis de intimidade entre remetente e destinatário” (SILVA & GOMES, 2017, p. 208).

A relação entre os interlocutores da carta pessoal vai implicar nas temáticas presentes nas missivas e é a partir desses temas que perceberemos a sua finalidade comunicativa específica. As cartas apresentadas em nosso livro de estudo marcam como Limeira (2015) vai apresentá-las como um instrumento de sociabilidade para idosos, pois, através das cartas trocadas entre Ismália e Nomar, vamos percebendo como a personagem as utiliza para manter um relacionamento com seu primo e, conseqüentemente, buscar nele a vitalidade de sua juventude. Silva & Gomes (2017) reconhecem a carta pessoal “como um rótulo que agrupa outros subgêneros, numa variedade de formas de interação social” (SILVA & GOMES, 2017, p. 212).

A carta é um meio de comunicação que expressa um vínculo afetivo entre aqueles que a trocam. A carta pessoal transmite a expressão do emissor e os sentimentos daquele que envia a carta. De acordo com Silva & Gomes (2017)

No que diz respeito aos traços característicos da carta pessoal, geralmente é uma tradição comunicativa carregada de subjetividade e que traduz a expressão pessoal do emissor. Este tipo de correspondência é especificamente utilizado na comunicação entre sujeitos que mantêm um vínculo de relacionamento; sua finalidade discursiva pode transitar por objetivos diversos (...). (SILVA & GOMES, 2017, p. 213)

‘ A partir das saudações presentes nas cartas de Limeira (2015), podemos perceber como o grau de intimidade e familiaridade vai se estreitando. Observamos da 1ª para a 2ª carta como a informalidade vai assumindo esse estreitamento: Na 1ª encontramos a expressão “Caríssimo primo Nomar” (LIMEIRA, 2015, p. 13) enquanto na 2ª temos “Meu querido primo Nomar” (LIMEIRA, 2015, p. 17), marcas que demonstram como a intimidade vai demarcando a relação afetiva dos dois e consolida o tipo de relação que a personagem de Ismália pretende firmar.

O corpo da carta é uma parte considerada flexível e é onde encontramos o motivo pelo qual o interlocutor escreve. É a parte da carta que apresenta maior fluidez, já que os temas vão

surgindo de maneira natural e a partir de discursos prévios que derivam de um discurso anterior. No caso de Ismália e Nomar, a 1ª carta surge a partir do encontro ocorrido numa livraria, na mesma ocasião em que se conheceram pessoalmente. Os temas que vão surgindo vão permitindo-nos compreender as cartas de Ismália como uma extensão de sua vida e de suas memórias, pois, é a partir das cartas que nós vamos percebendo a fala a respeito dos costumes vividos e testemunhados bem como de seus sentimentos na juventude e velhice.

As cartas de Limeira (2015) assumem o papel de ir além da função comunicativa: revelam aspectos sociais e sentimentais, a dependência de uma mulher real através de uma ficcional, por um sujeito mais novo para sentir-se jovem e útil. Com isso, através das cartas, a autora assume a posição de falar de si e também de falar do outro. O cuidar de si passa a ser um cuidar desse outro que é leitor de sua obra e que se identifica com a obra que lê a partir de seus questionamentos, reflexões e angústias. Como menciona Perrone-Moisés (2016)

...cuidar de si é o primeiro passo para servir à polis, é também cuidar dos outros. Falar de si mesmo por escrito é comunicar-se com um leitor virtual, o qual, por sua vez, pode buscar, na individualidade do escritor, as semelhanças com ele mesmo e as respostas que lhe faltam em sua existência individual. Portanto, a autoficção não é necessariamente egoísta e descartável. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 206)

Por mais que possa parecer a alguns leitores algo inovador, a autoficção não é um gênero novo, mas uma variante moderna de um gênero antigo (PERRONE-MOISÉS, 2016) e como qualquer outro, modifica-se para comportar as mudanças da própria sociedade. Contudo, podemos refletir sobre a distância entre o discurso que é colocado na obra e a realidade vivida pelo autor, percebendo como é tênue a linha que separa o limite da veracidade na autoficção literária. Não podemos afirmar o que é real ou o que é ficcional, especialmente na obra que estudamos, pois, ao pesquisarmos a vida da autora e como já mencionado nesse trabalho, Dôra Limeira publicou nossa obra de estudo apenas quatro meses antes de seu falecimento, fato que pode ter contribuído para que exista em sua obra mais de real que de ficcional.

O destinatário das cartas, o primo Nomar, pode ser um destinatário fictício, já que não temos certeza de sua existência, especialmente por termos acesso apenas às missivas de Ismália. Entretanto, a escritora fala aos outros através de um relato pessoal e sua obra assume, cada vez mais, um caráter auto ficcional, pois, como afirma Perrone-Moisés para que um relato assim seja Literatura se faz necessário “que fale aos outros, numa certa linguagem (...) o

texto literário não é monológico, inclui outras vozes e se destina a outros ouvidos” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 210).

O autor contemporâneo fala a esse outro através de questionamentos e mesmo de autoquestionamentos, saindo de seu lugar de conforto e utilizando, algumas vezes de sinceridade e outras do discurso para convencer seus leitores, compartilhando com eles suas experiências vividas ou testemunhadas, já que, o que está em jogo não é necessariamente a verdade, mas a verossimilhança. Os leitores atuais veem com mais intensidade nas obras de autoficção, a possibilidade de perceberem na narrativa, personagens comuns que se pareçam com suas vidas, incluindo suas vivências e questionamentos.

Muitos não acreditam ser possível fazer a escrita de si devido ao fato de não ser possível dizer a verdade, especialmente quando as obras auto ficcionais falam de temas que incomodam, que ferem, como é o caso das memórias apresentadas no livro que analisamos, que mencionam a velhice e a solidão que a personagem carrega em si. Ismália é uma mulher idosa, solitária, com medo de ser esquecida e que procura na figura de um homem mais novo a juventude para continuar vivendo, e é através de Ismália nos deparamos com temáticas que incomodam a sociedade como um todo.

Ao mesmo tempo, essa escrita de si pode conter muitas verdades ditas a respeito de seu autor e de suas próprias angústias e questionamentos, pois as identidades na contemporaneidade encontram-se fraturadas e, com isso, também podem ser imaginárias. Nesse conflito de identidades e de poder assumir inúmeros papéis, a autoficção pode exprimir a vida de seu autor sem que, necessariamente, tenhamos que questionar a veracidade da obra, pois o sujeito se toma como objeto e suas memórias podem refletir suas experiências ou a personagem pode apenas assumir, como afirma Sarlo (2007), “uma máscara ou uma assinatura” (SARLO, 2007, p. 33).

3. Capítulo II: Memórias escritas

A história vivida e socializada dos seres humanos existe a partir da memória. Sem esta, não existiria a história escrita nem, muito menos, os dados da história oral seriam repassados para os mais novos, bem como não conheceríamos as raízes do que foi vivido por nossos antepassados, as culturas ou costumes sociais de épocas anteriores. A relevância dada às memórias dos mais velhos se faz necessária para a construção da história dos que vivem o presente, pois, a partir do que afirma Albuquerque Júnior (2009), a memória “é construtora de marcos, marcos que servem para dizer, por exemplo, quando alguém considera que sua vida acabou, ou quando começou a sua velhice, as duas coisas não necessariamente sendo consideradas como sinônimas.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009 *apud* AGRA DO Ó, 2010, p. 12).

A memória necessita de socialização, de história vivida, para se tornar viva. Nas afirmações de Bosi (1987)

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória.” (BOSI, 1987, p. 31)

O papel de compartilhar essas memórias, geralmente, cabe aos mais velhos. É costume de nossa sociedade ver esse papel sendo cumprido por avós, tios, domésticas que trabalham nas casas ou qualquer figura mais velha que transite no ambiente domiciliar. Aos pais cabe cumprir o papel de provedores financeiros do lar, os responsáveis pelas ocupações de adulto. Por meio dessas pessoas mais velhas é que as crianças recebem inúmeras noções e pelas quais a memória se faz presente na vida delas, pois, como afirmam Gonçalves; Barbosa & Brandini (2014) “...a memória como um bem altamente positivo para o sujeito velho. Pois a sabedoria adquirida através dos anos precisa ser repassada para os sujeitos mais novos e inexperientes.” (GONÇALVES; BARBOSA & BRANDINI, 2014, p. 75).

As histórias, os modos e os costumes dos antigos podem soar de maneira estranha aos mais novos, contudo, é através das diferenças que encontramos as identificações. Como menciona Bosi (1987) “Não só não nos causam estranheza, como, devido ao íntimo contacto com nossos avós nos parecem singularmente familiares” (BOSI, 1987, p. 32). É por meio das experiências e do registro delas que se pode reconhecer a possibilidade de verdade e a busca, através das histórias, pela própria identidade. Com a firmeza dos discursos e a mobilidade do

que foi vivido, é possível narrar com a intensidade àquilo que foi vivido pelos mais velhos ou por outros de seu convívio e que estes testemunharam (SARLO, 2007).

A partir das pessoas mais velhas⁸, a ordem social se inverte e a elas não cabe mais o papel de educar seus netos como aconteceu com os filhos. A memória, como afirmam os estudos de Agra do Ó (2010), é utilizada como “uma estratégia de reinvenção das subjetividades, tornando-se o território da experimentação de uma velhice (ainda) ativa.” (AGRA DO Ó, 2010, p. 17). O tempo com os netos é de contar as histórias vividas ou testemunhadas, de brincar, de entreter, no qual o presente não importa e toda a atenção se volta, de uma forma ou de outra, para o passado. De acordo com o que menciona Bosi (1987)

O quarto dos avós, a casa dos avós, regiões em que não havia a preocupação de socializar, punir, sancionar nossos atos, mas onde tudo era tolerância e aceitação. Aos avós não cabe a tarefa definida da educação ao neto: o tempo que lhes é concedido de convívio se entretém de carícias, histórias e brincadeiras. A ordem social se inverte: dos armários saem coisas doces fora de hora, o presente já não interessa, pois nem o netinho, nem os velhos atuam sobre ele, tudo se volta para o passado ou para um futuro que remonta ao passado... (BOSI, 1987, p. 32)

O lugar que seria anteriormente ocupado por essas pessoas mais velhas, de acordo com o mencionado por Bosi (1987), não o é pela personagem Ismália. A personagem de 72 anos de idade não tem o prazer de assumir a carga que é dada aos avós. Ismália tornou-se escritora depois dos 60 anos de idade, após se aposentar. Ela é viúva, teve cinco filhos. Um de seus filhos suicidou-se, deixando marcas sentimentais profundas em sua vida. Assim como outras pessoas idosas, Ismália vive o medo da solidão e do esquecimento e busca nos amores e amizades mais novas, a juventude para continuar vivendo. Publica em seu blog e já está no processo de produção do quarto livro.

As três cartas analisadas em nosso trabalho encontram-se nas páginas 13, 17 e 42 e são, respectivamente, a 1ª, 2ª e 9ª cartas. Na 1ª carta temos uma fotografia como tema central e que foi enviada por Nomar para que Ismália visse parte da família dele. Através desta fotografia, Ismália observa e fala a respeito da figura de Izolda, avó de Nomar, de sua solidão pela falta do marido e de como fora apaixonada por ele. Menciona a respeito do tamanho da família dele e de como demoraram a se conhecer pessoalmente, mesmo morando na mesma cidade. É a partir desse momento, quando Ismália relembra o dia em que se conheceram, que

⁸ Aqui, quando mencionamos essas pessoas mais velhas, nos referimos, especialmente, aos avós de acordo com o que afirma Bosi (1987).

percebemos como a dependência de uma figura masculina pode existir na vida de uma mulher educada numa sociedade patriarcal e de como a personagem elogia o tamanho e a beleza da família de Nomar.

Na 2ª carta, Ismália fala de suas doenças e dos possíveis motivos que levaram os dois ramos familiares a se distanciarem. A partir desse momento, entramos em contato com as memórias de Ismália e o partilhamento dessas lembranças com o primo. Ela relembra um pouco de sua infância, da mãe, das irmãs e dos avós e tios de Nomar, dos comportamentos apresentados por estes e do afrouxamento dos laços familiares após a morte de sua mãe. Ismália também menciona o afastamento de seu próprio núcleo familiar após o falecimento de sua mãe.

Na 9ª carta, Ismália se refere à altivez de Izolda (avó de Nomar) quando jovem e de como sentiu falta de Laerte (avô de Nomar) quando ocorrido seu falecimento e a saída dos tios de Nomar de casa. Menciona ainda a solidão pela qual ela também teve que se acostumar, assim como Izolda, ainda jovem, quando precisava administrar seus conflitos com o marido, com os filhos, com as empregadas domésticas e com o trabalho de professora, depois que foi perdendo as pessoas e os filhos se distanciando dela. Encontramos ainda a confissão que Ismália faz quando fala a respeito da importância de conhecer pessoas bonitas e jovens assim como Nomar e de como isso a faz desejar viver mais. Expõe um pouco a respeito da perda de seu filho, do doloroso luto que passou por causa disso e de como descobriu na arte da literatura a saída para superar esse momento, rebelando-se, muitas vezes, contra aquilo que considera inevitável, a morte.

Nas cartas temos marcas textuais de que ela tem filhas e netos ao revelar “Neste lugar, estão minhas filhas e meus netos, razões da minha vida” (LIMEIRA, 2015, p. 28), ao mesmo tempo em que encontramos marcas de que ela parece viver sozinha ao revelar

Estou exausta hoje. Fiz uma faxina geral em meu quarto. Cheguei, veja bem, a subir os degraus de uma escada para retirar o cortinado que estava sujo, empoeirado. Eu precisava encaminhá-lo para uma lavanderia em meu bairro. (LIMEIRA, 2015, p. 111)

Com isso, podemos questionar a possibilidade dela ter o prazer de conviver com as filhas, de compartilhar suas memórias e histórias vividas com seus netos.

Os velhos, para Bosi (1987), têm a importância de, através dessas memórias, permitirem não apenas às crianças, mas também aos adultos quando chegarem nesta fase da

vida, que sua educação alcance a plenitude, ou seja, seu processo de formação enquanto ser humano aconteça de maneira adequada. São os velhos da família que mantêm vivos aqueles que já se foram quando se lembram dos que já faleceram e, de certa forma, mantêm viva a própria família por meio da cultura que repassam. Essa mesma autora afirma que

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. (BOSI, 1987, p. 32)

Faz-se necessário perceber que a família da personagem Ismália não dá a devida importância à memória dos mais velhos, especialmente ela sendo viúva e pilar da família⁹. Ismália nos revela, através de um fragmento de sua fala, certo desapontamento ao se remeter à família de Nomar, após observar uma fotografia enviada por ele e que aparece na 1ª carta em nossa análise, na qual menciona “...sua avó Izolda é mãe de muitos filhos. Se não me engano, dezoito. Se é assim, no retrato não está nem a metade de sua família, penso eu. (...) Meu amigo, é muita gente, puxa vida. Parabéns pela linda tribo” (LIMEIRA, 2015, p. 16).

Por meio do fragmento acima transcrito, podemos perceber o quanto uma fotografia revela sobre os costumes sociais e familiares para os velhos. É como se a família de Nomar elencasse lugar de destaque para a matriarca da família (Izolda) e a de Ismália fizesse o oposto. De um lado os que valorizam a velhice e, conseqüentemente, suas memórias e histórias vividas em contraponto àqueles que não dão a devida atenção aos que já viveram mais. É nessa fotografia também que podemos inferir o desejo de Ismália de ter uma família grande - tanto quanto a de seu primo – bem como o afastamento de sua família em muitos momentos. A fotografia nesse caso assume o que Bosi (2003) nomeia de objeto biográfico quando afirma

Quanto mais votados ao uso cotidiano mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam. São (...) objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista (...). Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador. (...) Só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade. (BOSI, 2003, p. 26)

⁹ Estamos nos referindo aqui ao modelo conceituado pela sociedade de ‘família tradicional’, na qual, ainda sob moldes do patriarcalismo, deve ser constituída de pai, mãe e filhos (as).

A partir dessa mesma fotografia que é descrita na 1ª carta, podemos refletir a existência do testemunho sempre imbricado à experiência do viver. Como nos afirma Sarlo (2007) a respeito da narração da experiência vivida, temos

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (...), mas a de sua lembrança. (SARLO, 2007, p. 24-25)

A personagem Ismália revive e expõe costumes sociais de sua época. Tradições familiares e costumes privados são demonstrados a partir dos sentimentos revividos por ela. Como afirma Bosi (1987), é necessário que estas lembranças tenham sentimento, já que,

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. (BOSI, 1987, p. 39)

Ismália não apenas lembra o que passou a partir da fotografia enviada por Nomar, mas dispõe sentimentos sobre ela e a faz reaparecer ao lado dos costumes vividos na época, dos comportamentos privados que rodeavam sua família e a família de Nomar e do próprio comportamento que a constituía enquanto pessoa. Sentimentos e lembranças rodeadas de memórias e da nostalgia de algo vivido e que podemos observar quando a personagem relembra

Lembro-me de uma época em que seu avô Laerte frequentava muito nossa casa. Tinha um carinho especial por minha mãe, a Tia Eloiza, como ele a chamava. Embora eu muito admirasse seus avós Laerte e Izolda, devo confessar, meu querido Nomar, que eles tinham mais intimidade com a minha mãe do que comigo e minhas irmãs. (...) Contavam piadas, riam de todo tipo. Histórias de rotina, histórias engraçadas, fatos pitorescos do cotidiano de cada um deles. (...) Laerte, Izolda e a meninada adentravam nosso casarão, ao som da voz grave e altissonante de Laerte. Tia Eloiza, chegamos, toma-se cafezinho nesta casa? Em meio à alegria geral, minha mãe, pressurosa, fazia cafezinho, preparava suco de frutas ou servia refrigerantes e biscoitos. (...) O alarido e as peripécias das crianças aconteciam sob o olhar admoestador de Izolda e o ar de riso de Laerte. (...) Apesar de não participar diretamente daquela euforia, sentia-me bem com a presença daquela família em minha casa, eu gostava da agitação e da barulheira. Eram tempos saudáveis, aqueles tempos. (LIMEIRA, 2015, p. 18-19)

Esse mundo que não foi vivido por alguns, é lhes dado, de maneira rica e diversa, justamente por meio das memórias e lembranças dos velhos. Contudo, na maioria dos casos, a sociedade capitalista tem retirado das relações a reciprocidade, o calor e a sinceridade das relações com os outros que constituem essa mesma sociedade, mas que são mais novos e, portanto, considerados úteis. Essa sociedade capitalista centra a produtividade do indivíduo, de acordo com o que menciona Albuquerque Júnior (2009), da seguinte maneira:

A velhice marcaria o momento, também, em que, numa sociedade centrada no trabalho e na produtividade, notadamente para os homens, chegaria o momento da inatividade, da falta de utilidade. Marcaria, também, o momento de declínio físico, da impotência, da fragilidade, da doença, da solidão. Estas imagens do ser velho, que povoam o imaginário social contemporâneo (...). (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009 *apud* AGRA DO Ó, 2010, p. 11).

Podemos perceber o tratamento dado aos velhos através do que afirma Bosi (1987) ao pontuar que “Nos cuidados com a criança o adulto ‘investe’ para o futuro, mas em relação ao velho age com duplicidade e má fé. A moral oficial prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada mas firmemente dos postos de direção” (BOSI, 1987, p. 36). E ainda podemos ir além, no tocante ao lugar que os velhos muitas vezes ocupam no interior das próprias famílias quando Bosi (1987) revela-nos

Veja-se no interior das famílias e cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para ‘seu próprio bem’. Em privá-los da liberdade de escolha, em torná-los cada vez mais dependentes ‘administrando’ sua aposentadoria, obrigando-os a sair de seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o velho) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar. Se o idoso não cede à persuasão, à mentira, não se hesitará em usar a força. Quantos anciãos não pensam estar provisoriamente no asilo em que foram abandonados pelos seus! (BOSI, 1987, p. 36)

A velhice é um dos temas recorrentes para a personagem Ismália. Em diversos momentos nas cartas, podemos observar como o peso da idade se faz presente na vida dela e marca o lugar do velho na sociedade. Começa por falar, na 1ª carta analisada, de como o tempo pode afetar a lucidez e as memórias de uma pessoa ao destacar Izolda quando, possivelmente, puderem se encontrar.

Se isso chegar a acontecer, meu querido primo, haveremos de compartilhar nossas histórias, nossas coisas engraçadas, nossos folclore, nossas dores. E nos admiraremos das sagas atravessadas ao longo do tempo, desde muito antigamente. Sua avó Izolda terá vários instantes de lucidez e lembrará de acontecimentos passados, seus eventos, suas histórias, os lances da convivência com os filhos. (LIMEIRA, 2015, p. 14)

Na 2ª carta do livro, também nos deparamos com o lamento de Ismália - ao falar da precariedade da saúde - por conta da idade, ao mencionar “Quanto à saúde, ultimamente minhas antigas vertigens me assediam, eu me inclino aqui, me apoio acolá. Sou uma verdadeira gangorra. Ora estou bem, ora estou mal, mas nada de tão grave. São sintomas dessa transição para idade mais avançada.” (LIMEIRA, 2015, p. 17).

Em outro momento à frente na narrativa, nos deparamos com seu desabafo de que fala de algo e repete para que, através das lembranças, não se perca de si mesma nem dos laços com sua própria família e seu passado quando Ismália diz “Desculpe se estou sendo repetitiva. Se insisto neste assunto, é porque tento retomar os velhos laços familiares. Perder definitivamente esses laços é como me perder de mim.” (LIMEIRA, 2015, p. 25). Na página 30, podemos observar novamente como o lugar da velhice é marcado nas cartas do livro de Limeira (2015), quando, por meio da fala de Ismália, temos mais uma vez demarcado o peso da idade, a melancolia, a doença e a depressão, como características próprias do idoso quando esta diz

Quanto a mim, a vida tem sido igual, monótona, nessa rotina de aposentada. Acostumei-me à melancolia e a essa depressão natural em uma pessoa idosa. Não me queixo, não cobro nada das pessoas nem da vida. E aquieto-me. (...) Ultimamente, não tenho sofrido de gripes, estomatites, úlceras nem descontrole de pressão. Dou graças a Deus por estar gozando este momento de saúde. (LIMEIRA, 2015, p. 30)

A ideia de velhice, além de melancolia¹⁰, doença e depressão, liga-se, ainda, à ideia de morte. Alguns esperam a morte de maneira intensa, tentam burlar a mesma, como se não existisse a possibilidade do encontro com a morte, enquanto outros têm a consciência de que ela está prestes a chegar e precisam, urgentemente, aproveitar o pouco tempo que resta. Na página 36, Ismália demonstra essa ânsia de doença e de morte ao mesmo tempo em que revela procurar viver intensamente quando nos afirma: “Ultimamente, tenho me sentido bem, sem dores, sem tosse, sem tonturas. Quando estou assim, agradeço a Deus e procuro viver intensamente enquanto é tempo.” (LIMEIRA, 2015, p. 36).

Diante disso, percebemos como a todo momento, a idade está referenciada com a doença e com a morte, lamentações de não ter saúde e, conseqüentemente, não ter liberdade. Isso acontece por ser a velhice o destino do indivíduo, bem como uma categoria social, como menciona Bosi (1987)

¹⁰ Lembremos que nesse contexto, melancolia não é, necessariamente, sinônimo de saudade.

Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice. Nas sociedades mais estáveis um octogenário pode começar a construção de uma casa... Seu filho continuará a obra. Quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho. (...) A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. (BOSI, 1987, p. 35)

Embora Gonçalves; Barbosa & Brandini (2014) afirmem que a velhice “não é somente o período em que se espera a morte, mas uma fase em que as lembranças perpassam a mente do homem e da mulher que vivenciam a arte de envelhecer.” (GONÇALVES; BARBOSA & BRANDINI, 2014, p. 80), o medo da morte é algo sempre presente e que demonstra a necessidade de aproveitar a vida nos limites dessa liberdade. Ismália possui essa pressa que é contraposta com a tranquilidade de Nomar na troca de cartas dos dois. É a velhice em desalinho à juventude, como observamos na página 124, na qual a personagem responde ao primo dizendo: “Depois de esperar muito por sua missiva, eis que ela hoje me chega à tela do computador. Já estou aqui pressurosa com minha habitual e relativa pressa em responder. Possuo a urgência dos que têm medo de um Apocalipse iminente.” (LIMEIRA, 2015, p. 124).

A morte e a idade estão a todo instante se encontrando nos discursos de Ismália como podemos também observar na página 141 quando ela diz: “Na verdade, estou na faixa dos 70 anos e isso me pesa. Às vezes tenho me acanhado de lhe contar sobre minhas doenças, os temores da morte.” (LIMEIRA, 2015, p. 141). Esse choque de idades revela muitas das relações que encontramos na sociedade. Idosos que temem partilhar seus conhecimentos e suas lembranças devido ao fato de, por inúmeras vezes, se depararem com jovens que não valorizam essas memórias partilhadas.

É através da beleza e da juventude de Nomar que Ismália tenta esquecer¹¹ de sua idade, permitindo-se pensar e agir como se tivesse os trinta e poucos anos do primo, evitando que ele leve esse dado a sério. Na 1ª carta analisada, Ismália se refere à beleza de seu primo dizendo “Foi a primeira vez que nos vimos pessoalmente lembra? Você olhou para mim, abordou-me dizendo que sempre quis me conhecer ao vivo. Minha única reação foi pensar

¹¹ Referimo-nos aqui a um esquecimento parcial da idade quando Ismália necessita ter contato com pessoas bem mais novas para que a velhice, a morte e a solidão se afastem dela e a permitam viver como se também tivesse tal idade.

puxa vida, que menino bonito.” (LIMEIRA, 2015, p. 15) e na página seguinte reforça, ao dizer “Eu continuei reagindo do mesmo jeito puxa vida que menino bonito.” (LIMEIRA, 2015, p. 16). Podemos perceber como Ismália supervaloriza a beleza e a juventude, mantendo em seu círculo de amizades, pessoas bem mais novas que ela, evitando pessoas mais velhas. Ela deseja se permitir uma vida diferente a partir de sua vaidade. Bosi (1987) afirma que

Antes do afastamento definitivo há um declínio lento, intermitente, acompanhado de dolorosa lucidez. Muitas vezes o idoso absorve a ideologia voraz do lucro e da eficácia e repete: ‘É isso mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços... Para que serve um velho, só para dar trabalho (...). (BOSI, 1987, p. 34)

Mesmo que reclame das doenças que a afligem, do medo da morte iminente ou das impossibilidades de sair à noite para algum encontro de poesia, Ismália utiliza-se das cartas para falar a Nomar sobre seu passado, inclusive situações relacionadas à família dos dois, com o intuito de rejuvenescer, pois, como demonstra Bosi (1987) “... é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento” (BOSI, 1987, p. 32).

A suposta atenção¹² dada por Nomar à Ismália permite que esta tenha a agradável sensação de ser ouvida. De acordo com Bosi (1987), o recebimento de atenção é algo muito importante para o idoso porque nessa fase “A tenacidade diminui com a idade; só a associação e a meditação a crescem. No entanto, pensamos que não se trata do exercício em si, mas da atenção do outro, da agradável sensação de ser ouvido que o estimulava a reter fatos tão insignificantes para ele.” (BOSI, 1987, p. 40).

Diante disso, temos a possibilidade de uma explicação para a dependência tão marcante de Ismália para com Nomar e, a partir de excertos das cartas, a dependência que se estende a outros homens mais novos. Na 9ª carta do livro (3ª de nossa pesquisa), podemos observar essa necessidade de não sofrer preconceitos por conta da idade e de se relacionar com pessoas mais novas para manter sua vivacidade no trecho

Através de minhas filhas e netos, tenho feito amizades lindíssimas, gente sem preconceitos, gente que me quer bem sem querer saber se sou velha, se sou nova, se bonita, se feia, sobretudo sem me perguntar qual minha idade. (...) Conhecer pessoas como você, primo, já é algum motivo para não ser infeliz, um motivo para querer viver mais. (LIMEIRA, 2015, p. 43)

¹² Referimo-nos aqui ao fato de termos acesso apenas às cartas de nossa personagem Ismália, que é ‘velha e mulher’.

Ismália menciona, na página 45, a paixão por outros homens mais novos, mesmo sem se preocupar se o seu sentimento é correspondido ou não, apenas pelo simples fato de se apaixonar pela juventude dessas pessoas e, com isso, manter a sua própria juventude e vivacidade. Ela confessa a Nomar

Quanto a mim, prossigo me apaixonando às vezes, amando sempre. Descobri que, a despeito do que possa parecer e do que possam dizer, tenho uma atração irresistível por pessoas jovens demais. Para mim, essa descoberta foi muito interessante, pouco me importando se sou correspondida na mesma medida ou numa medida menor (ou em nenhuma medida). (LIMEIRA, 2015, p. 45)

A juventude que a personagem deseja possuir e nos demonstra em algumas de suas falas, permite-nos acreditar que também é visualizada pelo outro, como é o caso da passagem a seguir, na qual temos a opinião de Nomar citada por Ismália em uma das cartas trocadas ao mencionar “Ah, primo, por isso que você diz que sou mais nova que você. Na verdade às vezes tenho coisas de menina.” (LIMEIRA, 2015, p. 105).

A necessidade de se sentir jovem através dos amores também é marcada discursivamente no início das cartas quando da saudação destas: Na 1ª carta analisada, temos a saudação de tratamento com a expressão “Caríssimo primo Nomar” (LIMEIRA, 2015, p. 13) enquanto na 2ª carta temos “Meu querido primo Nomar” (LIMEIRA, 2015, p. 17). No primeiro momento, temos um tratamento que indica certo distanciamento e com o qual podemos perceber a formalidade que existe entre Ismália e Nomar e que, de certa maneira marca a fala de idosos. No segundo momento, ela deixa de lado o formalismo e expressa intimidade e afeto pelo primo, o que é revelado também nas cartas seguintes.

Algumas maneiras de se expressar que são típicas das pessoas mais velhas - e que não possuem assunto para conversar - e que Ismália sempre utiliza é começar muitas das cartas referenciando-se sobre o tempo ou clima, como aparece na 2ª carta, ao dizer “Aqui tem chovido muito. Quem mais sofre são os moradores das casas de periferia, as águas invadem tudo sem pedir licença.” (LIMEIRA, 2015, p. 17) ou “No momento, o clima aqui é instável, ora sol aberto, ora tempo fechado.” (LIMEIRA, 2015, p. 22). Isso nos leva a perceber como, de fato, Ismália não tem assunto para conversar com Nomar, ela precisa é estar em contato com ele numa estratégia de sedução. Outro termo que podemos perceber nas cartas e que demarca uma expressão das pessoas mais velhas é o termo ‘missiva’ na referência às cartas, como pudemos observar na 2ª carta quando se remete ao primo Nomar dizendo: “Eu teria muito a lhe falar nesta missiva.”. Essa expressão demarca a fala de uma pessoa mais velha e

não mais pertence ao vocabulário dos mais jovens que, na maioria das vezes, não escrevem mais nem cartas.

Outra expressão que se modifica ao longo das cartas é a de despedida. A despedida não como sinônimo da velhice, mas como referência ao desejo pelo primo, por sua juventude e vivacidade. Conforme já mencionamos, Ismália enxerga na figura de pessoas mais jovens a possibilidade de, ela mesma, se tornar cada vez mais jovem e continuar viva. De, na 1ª carta “Para você, meu abraço. Sua prima, Ismália.” (LIMEIRA, 2015, p. 16) passando para “Para você, um beijo da prima que lhe quer muito bem. Ismália.” (LIMEIRA, 2015, p. 25) até chegar em “Mando-lhe beijos extensivos a toda a sua família. Sua prima que muito lhe quer.” (LIMEIRA, 2015, p. 41) podemos perceber o progresso de sua intimidade - mesmo sem sabermos se é correspondida por seu primo Nomar - e do desejo de sua juventude que vai, progressivamente.

Diante das afetuosas cartas, não podemos deixar de observar outro tema recorrente nas atitudes da personagem Ismália e que culminam por revelar outros aspectos característicos da velhice: o esquecimento e a solidão que marcam a vida dessa idosa e de tantos outros que vemos na contemporaneidade da sociedade. Na 2ª carta objeto de nosso estudo, podemos perceber como Ismália se queixa por não ser lembrada por sua própria família ao desabafar com seu primo Nomar dizendo

Começo este parágrafo abordando sobre os possíveis motivos que teriam levado nossas famílias a um distanciamento tão prolongado. Há muitos anos não vejo sua avó Izolda. A última vez que a avistei meus filhos ainda eram pequenos. Nunca mais vi sua mãe Flaviana, suas tias e tios. (LIMEIRA, 2015, p. 17).

Podemos observar aqui a possibilidade das outras mulheres que aparecem nessa ficção serem tão solitárias quanto a própria Ismália, de terem se distanciado por estarem presas em suas casas bem como a possibilidade de necessitar de companheirismo, de afeto e de atenção, aquele velho que quer ser lembrado e valorizado.

Já na 3ª carta que analisamos, a 9ª do livro, Ismália destaca como a solidão foi tomando conta dela, após o declínio de seu casamento e da construção de seu núcleo familiar numa sociedade considerada patriarcal quando fica viúva, quando seu filho se mata e as filhas se distanciam, indo morar longe da mãe, ao mencionar

Meu marido faleceu aos cinquenta e quatro anos. Meu filho se suicidou cedo. As filhas foram saindo, algumas para casar, outras

saíram sem casar mesmo, em busca de seus próprios rumos. E assim minha solidão foi sendo construída. Mas tenho a sorte de Deus ter me dado compensações, querido Nomar, que me salvam de um esquecimento definitivo. (LIMEIRA, 2015, p. 43)

Em algumas passagens das cartas, Ismália fala dessa solidão ao mesmo tempo em que deixa marcas textuais de que não mora sozinha. Ao mencionar uma possível mudança de cidade para morar com um de seus irmãos, ela diz a Nomar “Avaliei que tenho laços afetivos muito mais profundos aqui onde moro, o lodo e as raízes me prendem à minha cidade são muito fortes. Neste meu lugar, estão minhas filhas e meus netos, razões da minha vida.” (LIMEIRA, 2015, p. 28), contudo, ela não é razão de viver pra vida deles. Na 9ª carta (3ª observada), Ismália afirma não morar sozinha ao dizer “Aqui todos já se recolheram. Precisam acordar cedo, uns para o trabalho, outros para a universidade.” (LIMEIRA, 2015, p. 47) e mais à frente confirma ao expressar que “Aqui, estamos todos bem, de maneira geral. Uma gripe, uma coriza são coisas que acontecem numa grande família com muitos filhos e muitos netos.” (LIMEIRA, 2015, p. 57), demonstrando como é superficial, como se o mundo girasse em torno de seus sentimentos.

Ao lado das marcas textuais que nos confirmam que Ismália não mora sozinha também encontramos marcas que nos demonstram certo esquecimento, certo abandono. Abandono esse que acontece por parte dos que moram na mesma casa com ela, pois, podemos pensar como uma senhora de 72 anos de idade tem condições de fazer uma faxina, ainda que seja em seu quarto, porém, de maneira a tirar as cortinas para lavar¹³, o que culmina por despender grande esforço físico. Esse certo abandono é marcado em¹⁴

Estou exausta hoje. Fiz uma faxina geral em meu quarto. Cheguei, veja bem, a subir os degraus de uma escada para retirar o cortinado que estava sujo, empoeirado. Eu precisava encaminhá-lo para uma lavanderia em meu bairro. Além disso, arrumei algumas prateleiras do meu guarda roupa (...). (LIMEIRA, 2015, p. 111)

O medo de ser esquecida é marcado não apenas com relação ao seu núcleo familiar - como mencionado anteriormente - mas também por parte de sua família (a família Lims) quando, em uma de suas despedidas a Nomar, Ismália expõe “Dê minhas lembranças a sua avó Izolda e a todos os demais familiares que ainda se lembram de mim.” (LIMEIRA, 2015,

¹³ Acreditamos que nem todas as pessoas conseguem fazer uma faxina em seu quarto a ponto de tirar as cortinas, já que é algo que necessita subir em algo mais alto e ter certa habilidade e força para retirá-las, especialmente quando se tem outras pessoas mais hábeis em casa. Lembramos também que não estamos questionando a capacidade de qualquer idoso poder cumprir uma tarefa dessas.

¹⁴ Essa passagem é utilizada tanto na referência ao distanciamento da família quanto à solidão e esquecimento da velhice.

p. 83) e mais na frente ao dizer algo parecido em outra despedida “Recomendações minhas a Izolda e a quem ainda lembra de mim.” (LIMEIRA, 2015, p. 94).

Podemos dizer que o medo de ser esquecida e de ficar sozinha, assim como a relação que ela tem com a juventude, levam Ismália à necessidade de ter amores jovens e as amigas também jovens, conforme já mencionamos em nosso trabalho. A ânsia de ter Nomar perto dela, para que, assim, também pudesse ter vida através de sua juventude, leva a personagem a ter ciúmes do distanciamento que o primo toma por causa da mudança de cidade. Essa dependência nos é demonstrada na página 129:

Agora vamos à questão do ciúme. Questão delicada, chata de abordar. Se eu tenho ciúmes? Claro que tenho. Se eu estou adorando você estar muito distante de mim? Claro que não, embora respeite sua opção. Se eu estou feliz porque você optou por outras áreas que não a de literatura ou a vida acadêmica? Claro que não, mas, a contragosto estou acatando suas escolhas. Agora vem outra questão: o que você tem a ver com o que gosto ou deixo de gostar? Diante de tudo isso que acabei de colocar, o que você deve fazer? Ora, meu querido primo, você não precisa fazer nada. A única coisa que quero de você é que continue lendo meus pensamentos através dessas cartas. E mais nada, fazer o quê? (LIMEIRA, 2015, p. 129)

A dependência refletida nessa passagem de uma das cartas tanto faz referência ao distanciamento de Nomar quanto à necessidade que ele, mesmo longe, continue estando perto através da leitura de suas cartas.

Ismália acredita que através da leitura de suas cartas por Nomar, ela não estará sozinha e, conseqüentemente, não será esquecida. A solidão de uma família, de filhos, de netos, de marido. Solidão que ela, na 1ª carta, remete à Izolda ao mencionar a mesma fotografia já abordada e que também serviu para que ela demonstrasse o tamanho da família de Nomar e relembresse alguns costumes através de suas memórias. Ao se referir aos presentes na fotografia, a personagem revela

Pena que seu avô Laerte não esteja na foto. Com certeza já tinha falecido. Vejo isso estampado no rosto de Izolda. Você e as demais pessoas podem até nem perceber, mas eu percebo. Podem até pensar que Izolda é muito feliz, que o marido hoje é coisa do passado. Mas eu sei que não. Sei que, por trás dessa placidez de setenta e seis anos, a pobre Izolda sente falta de alguém para conversar antes de dormir, alguém que lhe cubra o corpo nas friagens da madrugada, que feche as portas e janelas de casa e lhe passe a segurança de que toda mulher precisa. Sou sensível às fotografias da solidão, meu primo. (LIMEIRA, 2015, p. 15)

Ismália utiliza-se da figura de Izolda para falar da possível solidão que se mostra através da fotografia. Contudo, podemos perceber que essa solidão que ela tanto remete à Izolda, pode-se referir a ela mesma. Coloca na figura de um companheiro a solidão e o esquecimento em que se encontra e que são típicos da idade, especialmente, por ser uma mulher, como se através da figura masculina, ela pudesse se manter viva, feliz e jovem. Comportamentos como esses, explicitam a própria condição feminina numa sociedade patriarcal, pois, as mulheres são criadas para serem dependentes de um homem, seja a figura do pai, de um irmão ou de um marido e, até para se proteger do frio, dependem desse homem.

Quando a figura masculina some da vida dessas mulheres educadas para sua dependência, por qualquer motivo que sejam como é o caso da morte tanto para Izolda quanto para Ismália, elas se tornam infelizes, vazias e despreparadas para assumirem o controle de uma vida independente. A partir disso, podemos refletir sobre sua dependência da juventude e beleza de Nômar e de tantos outros amores que passaram por sua vida, mesmo quando não era correspondida em medida nenhuma.

4. Capítulo III: Quando a escrita de mulheres se converte em canto de sereia

A sociedade contemporânea - e aqui nos referimos à elite econômica, em especial - continua delegando às mulheres papéis que continuam segregando-as à margem desta, mesmo depois de tantos anos na história buscando conquistar a igualdade de direitos e poder, para assim, participar ativamente dos caminhos percorridos nesta sociedade. As mulheres hoje, ainda estão presas às amarras masculinas e ao universo feminino que eles criam para elas. Touraine (2010) a respeito da construção de si na própria mulher, diz

As mulheres ainda estão muito presas ao mundo feminino tal como ele foi criado pelos homens para formar um gênero, que as submeteu ao interesse superior da binaridade homem-mulher e consequentemente da heterossexualidade. (...) As mulheres são seres sexuados, fêmeas, às quais os homens deram certos atributos e tentam dominá-los, ao passo que elas querem transformar-se em mulheres criadas por mulheres e antes e acima de tudo por elas mesmas. A construção de si implica um certo amor para consigo mesmo. (TOURAINÉ, 2010, p. 41)

O afetuoso livro das cartas demonstra a dificuldade que a mulher ainda tem de se libertar das amarras provocadas por séculos de uma educação patriarcal e falocracista, que a castrou de amar a si mesma e de ter a possibilidade de construir-se e auxiliar no processo de construção de uma sociedade diferente - não estamos dizendo aqui se uma sociedade melhor ou pior, todavia, diferente -. E essa deve ser uma construção de si sem o detrimento, nem o egoísmo para com a figura masculina, como afirma Touraine (2010) ao explicitar

Não se trata de egoísmo ou de indiferença para com a situação dos outros, mas de uma vontade já transformada em atitude de considerar mais central a relação consigo do que a relação com os outros (...) perspectiva que as transforma de mulheres definidas por outros, pelos homens, em atrizes na construção de si mesmas. (TOURAINÉ, 2010, p. 42)

A construção de si mesma para Touraine (2010) acontece através de uma individualidade com responsabilidade, “já que as mulheres foram privadas da subjetividade e definidas por suas funções construídas pelos homens, a construção desse si para elas só pode ser a passagem para a individualidade responsável” (TOURAINÉ, 2010, p. 47). E essa construção de si mesma não pode acontecer a partir das representações masculinas, pois, a mulher não pode se submeter à dominação de sua subjetividade, esse construto deve acontecer na identificação de como ‘ser mulher’ a partir dela mesmo.

Muitas mulheres atualmente já conseguem libertar-se de algumas dessas amarras provocadas pela sociedade falocracista, contudo, Touraine (2010) nos apresenta um novo estilo de dominação da sociedade capitalista: a dominação do consumo. Ao refletir a respeito dessa nova dependência, Touraine (2010) afirma

A nova dominação, como o movimento de afirmação das mulheres, é de orientação individualista, mas é essa dominação que transforma a mulher em consumidora, tornada mais vulnerável ainda por sua libertação provocada pela independência financeira que lhe abre outros horizontes, maiores do que o casamento e a maternidade. (TOURAINÉ, 2010, p. 49)

Entretanto, essa nova dependência parece não atingir Ismália, personagem de nossa obra em estudo, já que pudemos perceber no decorrer da análise que fizemos - e que se encontra presente no capítulo 3 deste trabalho – como a personagem ainda depende de uma figura masculina para alcançar a juventude e vitalidade. Por mais independência financeira que Ismália possa ter, ela depende da beleza e da juventude de Nomar, assim como de outros amores, para continuar sendo lembrada. Essa dependência masculina também está refletida em outra personagem feminina da obra - Izolda - ao menos aos olhos de Ismália, quando esta menciona como acredita que o marido de Izolda deve ter feito e continua a fazer muita falta durante a velhice desta.

Assim como a personagem Ismália, a escritora Dôra Limeira também se utiliza do artifício da narrativa para seduzir. Para a mulher, nesses casos, o narrar no jogo de sedução é importante bem como a necessidade de se sobressair psicologicamente e manter a áurea de escritora, escapando do medo e da solidão, sentimentos trazidos pela velhice assim como a ocupação de seu espaço discursivo, no qual se impõem, como nos expõe Rodrigues (2016) ao afirmar “Encontrar um modo particular de dizer o seu mundo é algo que as mulheres e as demais minorias podem explorar para solidificarem os seus espaços discursivos de enfrentamentos” (RODRIGUES, 2016, p. 22-23).

Por meio da escrita das mulheres, a subjetividade dessa mulher surge e os papéis de autora e leitora ocupam um mesmo espaço subjetivo e falam de um lugar minoritário. As leitoras atuais rasuram da sua interpretação dos textos os traços dos discursos masculinos que colocam as mulheres como musas inspiradoras, assumindo a subjetividade feminina e compreendendo as mulheres “como construções performativas, plurais, fraturadas, mutantes” (RODRIGUES, 2016, p. 26).

A escrita das mulheres no processo de construção de si culmina por encontrar diversas vezes a autoficção. Esta por sua vez, é perpassada em diversos pontos, por fatos vividos ou testemunhados pelo próprio autor. Em especial, quando nos referimos a escrita de si por mulheres, Rodrigues (2016) menciona que “as autoras projetariam nas personagens femininas das tramas os seus próprios problemas, visões de mundo, utopias e demais aspectos culturais” (RODRIGUES, 2016, p. 242). Em boa parte da escrita de Dôra Limeira, e de maneira marcante no livro que escolhemos para análise, podemos perceber o fato de que sua obra é atravessada por fatos vividos pela autora e carrega histórias e experiências pessoais bem como permite ao leitor concluir a leitura sem que, necessariamente, precise separar o que é real do que é ficção. A respeito do gênero autoficção, Rodrigues (2016) afirma

A autoficção pode ser definida como a imersão de fatos ficcionais na história de vida do autor que assina a obra. (...) Trata-se da narrativa ficcional e biográfica que coloca no mesmo patamar autor, autor-implícito, narrador e protagonista, com mesclagem de fatos vividos a fatos imaginados, erradicando fronteiras entre plano da realidade e plano ficcional. No apanhado geral do gênero autoficção, percebe-se que ele lança mão de uma característica marcante do gênero fantástico: deixar o leitor permanentemente em estado de suspensão, e também de suspeição, para que ele conclua a leitura sem necessitar (ou conseguir) separar biografia de ficção. (RODRIGUES, 2016, p. 57)

A autoficção dentro da Literatura Pós-autônoma permite a diluição das fronteiras entre o que é real e o que é ficção¹⁵, não necessitando mais que esses limites estejam fixos, bem como do papel exclusivo que era dado ao autor em épocas anteriores. Hoje, o autor permite com mais clareza que o leitor participe de sua obra, a ponto de reescrevê-la a cada vez que este lê determinada obra, pois, como demonstra Amorim (2011) a respeito da relação que existe entre o texto com o contexto onde é produzido, “sua significação mobiliza ideias e sentidos que nascem da relação que o texto estabelece com o contexto (...) a compreensão de um texto pode surgir da leitura que fazemos das relações que o texto e o contexto estabelecem” (AMORIM, 2011, p. 80). Considerando ainda todos os discursos que atravessam obra e leitor, Rodrigues (2016) menciona que

O desaparecimento do autor com o único participante da escritura do texto não é uma ideia do nosso século, uma vez que já nos anos sessenta do século passado a Estética da Recepção teorizou sobre o papel ativo e imprescindível dos leitores na construção dos sentidos das ficções literárias. A literatura perde então seu caráter de “obra fechada”, inalterada e unívoca, pois cada leitor reescreve o texto lido a

¹⁵ Já refletimos um pouco a respeito dessa diluição das fronteiras da Literatura Pós-autônoma no capítulo 2.

cada leitura, dando a ele novos sentidos e sobrepondo diferentes discursos ao já dito (Grifo da autora). (RODRIGUES, 2016, p. 73)

A escrita das mulheres é perpassada por seus sonhos, suas experiências e suas projeções e pode refletir a respeito das felicidades e angústias que vive. As memórias de Ismália refletem bastante daquilo que sua autora viveu e sentiu. As projeções de Dôra Limeira em sua vida e o almejar por um não esquecimento, causado pela própria situação enquanto idosa deixam-se refletir em seu *O afetuoso livro das cartas* para quem estuda um pouco de sua vida que, enquanto escritora, buscava na Literatura uma maneira de fugir da solidão. Assim como com outras mulheres escritoras, Dôra Limeira escreve uma autoficção para fugir da solidão que tanto lhe rodeava, pois, de acordo com Rodrigues (2016)

A solidão (...) é um dos maiores tormentos de quem escreve, e há quase um consenso entre estudiosos da literatura que é por vivenciá-la, de modo muito visceral, que a maioria do(a)s escritore(a)s produzem mundos imaginários, autoficções, poemas, tragédias, diários e todo tipo de escape capaz de traçar rotas de fuga em direção a relações afetivas. A solidão seria mais evidente na produção ficcional das mulheres porque elas se reprimem menos nas manifestações de estados emocionais, enquanto que os homens são condicionados, desde o nascimento, a “engolir o choro”, a não expressar fraquezas e sofrimentos, a subestimar as questões ligadas às dores emocionais (Grifo da autora). (RODRIGUES, 2016, p. 227-228)

A solidão presente na vida de quem escreve, especialmente quando nos referimos às mulheres que escrevem, pode se explicar, em partes, pela educação a que foram submetidas durante séculos de uma sociedade patriarcal, na qual as mulheres deveriam ficar responsáveis por cuidar da casa, do pai ou marido e dos filhos, mantendo a ordem de seu espaço privado e demonstrando a sua submissão a toda sociedade. O mesmo silenciamento deveria atingir a mulher na escrita da ficção, pois, assim como menciona Silva (2010)

...a relação público-privado era admitida na equação respectiva homem-mulher, seria de esperar que à mulher não coubesse o papel de ficcionista, pois atuar nesta área envolve conhecimento de mundo até então permitido a elas. Isso servia de argumento para se dizer que as escritoras trabalhavam com temáticas voltadas para “o seu umbigo”, para questões “rasas”, “simplistas”, denotando, na linguagem de alguns críticos, uma forte e quase absoluta tendência a temas açucarados (...) (Grifos do autor). (SILVA, 2010, p. 25)

A educação androcêntrica a qual as mulheres de nossa época foram submetidas reflete diretamente em suas obras. Em seus estudos, Silva (2010) percebeu que havia um certo equívoco no comportamento que era expresso pelas personagens femininas nas obras estudadas a partir do patriarcalismo imposto as escritoras mulheres. Esse equívoco se refere à

grande dependência que essas mulheres apresentam perante as personagens masculinas e que culmina por afetar a própria representação das mulheres e afirma ao constatar que

(...) longe de admitirem uma plena emancipação política e sexual, elas são obrigadas a negociarem o sujeitamento às estruturas patriarcais ou falocêntricas (...) apenas nesse ponto, porque não conseguem manterem-se sozinhas no campo afetivo-sexual, parecem retornar à situação primeira, sujeitando-se aos domínios do masculino como utopia de saída para que o equilíbrio entre os gêneros se torne possível. (SILVA, 2010, p. 28)

Essas mulheres, e aqui cabe mencionar o papel que Dôra Limeira apresenta em sua obra, quando não conseguem se libertar desse domínio masculino apresentam, de acordo com Silva (2010) uma característica em suas personagens e que já mencionamos anteriormente a partir de Rodrigues (2016): a solidão de suas mulheres. Assim, entre o transgredir a ordem patriarcal vigente e a emancipação, elas se deixam apresentar como sujeitos ambíguos como afirma Silva (2010) ao expor “entre o depender do outro e o emancipar-se, o caminho mais lógico é apresentar-se como sujeito ambivalente, fraturado ou deslizante” (SILVA, 2010, p. 29).

Na autoficção de Dôra Limeira, podemos perceber como a ambiguidade se faz presente através do comportamento de sua personagem Ismália, quando esta transita entre libertar-se do que a sociedade tenta impor ao mesmo tempo em que depende de uma figura masculina mais jovem para manter-se viva e tentar evitar que seja esquecida. A escrita seria uma das maneiras utilizada pela autora para tentar burlar o que a dominação masculina tenta impor, especialmente, quando falamos da literatura escrita por homens - considerada por muitos críticos literários como cânone da literatura - ao exporem os devidos comportamentos e obrigações das mulheres. Essa escrita, na percepção de Silva (2010) estaria longe de ser uma escrita para entretenimento e sim uma escrita como “lugar de construção, validação, reprodução e subversão de identidades, de valores, de normas, de discursos” (SILVA, 2010, p. 51).

A escrita feita por Dôra Limeira apresenta reação quanto à dominação masculina quando apresenta Ismália e seus diversos amores jovens, inclusive o primo Nomar. Ao mostrar uma idosa que já amou diversas vezes durante a vida, numa sociedade patriarcal que define para as mulheres o casamento e relacionamento heterossexual único, percebemos a subversão promovida pela escrita da autora e a tentativa de desestabilizar a ordem

estabelecida e que só é encontrada na ficção escrita por mulheres depois da primeira metade do século XX de acordo com Silva (2010) que pontua que

No século XX (...) é que encontramos obras de valores subversivos com temáticas direcionadas para a incorporação da lógica de pertencimento associada à noção de emancipação ou liberação do desejo das mulheres numa cultura até então considerada erigida sobre valores falocráticos, de submissão das mulheres aos homens. (SILVA, 2010, p. 53)

A escrita ficcional traz à tona a possibilidade de que as mulheres representadas possam ser uma projeção das mulheres reais que podem ser absorvidas e traduzidas pelas mulheres escritoras (SILVA, 2010). No caso das cartas de Limeira (2015), pudemos perceber que a própria escritora lança mão de fatos reais, por ela vividos e experienciados, para compor sua personagem feminina e é na felicidade e nas angústias da vida que teve que também constrói sua personagem, com fatos reais e ficcionais daquilo que fora testemunho durante sua vida, especialmente, durante sua velhice e sua necessidade de escrever partilhando tais necessidades.

Ao mesmo instante em que Dôra Limeira subverte a ordem falocêntrica e a educação patriarcal a que foi submetida durante sua vida, ela demonstra a dependência que esse sistema falocrático causa em muitas mulheres escritoras ou não: a de depender sempre de uma figura masculina para viver e até mesmo, sobreviver. Essa dependência é demonstrada sob a forma de solidão, pois, como afirma Silva (2010) "... por mais que essas mulheres questionem o seu lugar e subvertam a ordem das coisas no mundo em que se inserem, adquirem ou portam o maior sintoma das mulheres de todas as épocas no espaço ficcional: a solidão" (SILVA, 2010, p. 79).

A respeito da caminhada feminina entre o resistir e o identificar-se perante a ordem falocêntrica, Dôra Limeira, assim como outras autoras femininas, assume uma postura de ambivalência quanto a esses sentimentos e posicionamentos como nos afirma Silva (2010)

...as mulheres representadas vivem a dolorosa via crucis do existir entre uma estrutura que foi berço de sua pertença e educação e estruturas nascidas da movência dessa base secular, que as conduzem a uma reinterpretação do seu lugar e papel na sociedade. Essa característica do sujeito pensar a si entre o uno e o plural, por exemplo, deu base para que rotulássemos tal comportamento de paradoxal ou ambivalente, uma vez que essas mulheres movem-se constantemente numa fronteira em processo de redimensionamento, posicionando-se entre o resistir e o identificar-se. (SILVA, 2010, p. 272)

Através de Ismália, Limeira (2015) demonstra a dependência e a necessidade de ter um homem jovem com quem interagir durante sua velhice, pelo qual implora a atenção e o elege como sua companhia de fim de vida e, com isso, assume a ambiguidade presente em suas atitudes quanto ao resistir e identificar-se perante a ordem e a sociedade.

5. Considerações Finais

As mulheres representadas por escritoras na ficção vivem o dilema de estar entre a resistência a uma sociedade marcadamente patriarcal e a dependência de alguma figura masculina que a possa preencher. Dentro da escrita feminista contemporânea, a ambivalência entre os dois caminhos se faz presente pelo fato de terem sido muitos os anos de controle e dependência educacional e emocional. Essas mulheres vivem a dor de existir entre a estrutura em que nasceram e a estrutura educacional que as apresenta a uma reinterpretação tanto de seu lugar quanto de seu papel na sociedade em que está inserida.

Pensar em si como o sujeito que transita entre o mundo do individual e do plural faz com que essas mulheres movimentem-se constantemente entre as fronteiras do redimensionar-se e posicionam-se, com isso, entre o resistir a ordem a que foram submetidas por toda a vida e o identificar-se com ela. As mulheres necessitam reinterpretarem-se quanto aos seus lugares e papéis na sociedade. Seus comportamentos podem ser rotulados entre o paradoxal e o ambivalente, já que elas estão movendo-se constantemente nas fronteiras do redimensionamento e se posicionam entre o resistir e o identificar-se na ordem social em que se encontram.

Dôra Limeira apresenta em sua obra *O afetuoso livro das cartas* sua resistência e sua dependência a essa ordem falocrática que ainda permeia a sociedade. Vida e obra da autora se encontram através de Ismália e de uma autoficção que não nos permite, como promove a Literatura contemporânea, compreender e até mesmo fixar as fronteiras entre o que é real e o que é ficção. A nós, leitores, cabe um mundo de possibilidades e compreensões a respeito do encontro entre a vida de Dôra Limeira e a vida de Ismália - cabe-nos imaginar até que ponto as memórias de uma mulher idosa resistem ou identificam-se com os padrões impostos por uma sociedade que reprime o que diverge da ordem através de sua personagem.

Num momento de ruptura através das cartas, Limeira (2015) subverte o gênero, apresentando muitas delas como contos e ensaios, mantendo uma função que vai além de uma mera conversa. Por meio de uma narrativa forte, apresenta fatos e comportamentos de sua vida privada no que podemos considerar um verdadeiro livro testemunho e testamento, no qual, a partir de uma Literatura depressiva nos permite perceber como se sentiu diante da probabilidade de não ser mais útil perante sua família, perante a sociedade e observando as pessoas que estavam ao seu redor morrerem. Talvez o fato de já se encontrar doente quando

escreveu suas afetuosas cartas tenha lhe proporcionado a possibilidade de estreitar ainda mais as fronteiras do real e do ficcional numa escrita como cura e como instrumento de catarse, na qual pôde revelar muito mais de sua vida do que no restante de sua obra, situando-a num lugar de resistência e dependência na Literatura feminista contemporânea.

6. Referências Bibliográficas

- AGRA do Ó, Alarcon. *Velhices Imaginadas: Memórias e Envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945)*. Campina Grande: EDUFPG, 2010.
- AMORIM, José Edilson de. Leitura, análise e interpretação. In: PINHEIRO, Hélder (org.). *Pesquisa em Literatura*. 2ª ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.
- BOSI, Ecléa. Tempo de lembrar. In: _____. *Lembranças de velhos*. São Paulo: Editoria da USP, 1987.
- _____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 21-31.
- CANDIDO, Antonio. A Literatura e a formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. et al. *A personagem de ficção*. 13ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 52-80.
- GONÇALVES, Jéssica Pereira; BARBOSA, Jaine de Sousa & BRANDINI, Laura Taddei. A velhice nos contos de Moacyr Scliar: diferentes constatações sobre o envelhecimento humano. In: PINHEIRO-MARIZ, Josilene & LUNA, Rossana (org.). *O envelhecer é poético nas Letras*. Campina Grande: EDUFPG, 2014.
- LEJEUNE, Philippe. Autobiografia e ficção. In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Org. Jovita Maria Noronha. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.
- LIMEIRA, Dôra. *O afetuoso livro das cartas*. João Pessoa: Ideia, 2015.
- LUDMER, Josefina. Literaturas postautónomas. Argentina: Propuesta Educativa, núm. 32, ano 18, vol. 2, Nov. 2009, p. 41-45.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A autoficção e os limites do eu. In: _____. *Mutações da Literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- RODRIGUES, Rosângela. *Mulheres e amores em ficções de autoria feminina*. Campina Grande: EDUFPG, 2016.
- SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In: _____. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras; Editora da UFMG, 2007.
- SILVA, Aldeir Gomes da & GOMES, Valéria Severina. Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas da primeira metade do século XX. In: ATAÍDE, Cleber. et al. *Gelne 40 anos*. São Paulo: Blucher, 2017.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão*. Campina Grande: EDUEPB, 2010.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 9-19.

TOURAINÉ, Alain. A construção de si. In: _____. *O mundo das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2010.

ANEXOS

João Pessoa, 02 de julho de 2008

Caríssimo primo Nomar,

Recebi a foto de sua linda família, enorme família, pelo que lhe fico agradecida. Vejo que Izolda também está na fotografia. Aliás, ocupa lugar de destaque, bem no centro de sua gente, rodeada de filhos, netos e bisnetos. Observo com atenção, detendo-me em cada detalhe. Contemplo o local da foto, uma rampa larga, comprida. A disposição das pessoas na foto tem significados. Quem está junto de quem, quem não está presente, quem está escondido por trás de alguém, cada pormenor diz alguma coisa. Tudo nesta fotografia tem um sentido. A localização das pessoas, a luminosidade, a própria rampa tem sua significação e razão de existir. Os adultos e adolescentes se ajeitam no topo, de pé. As crianças sentam-se na base da rampa. Algumas mães aconchegam bebês nos seios. É muito bonito esse seu ramo familiar, querido primo. Pelo que vejo, sua avó Izolda ainda guarda vestígios da antiga beleza. São visíveis algumas marcas da graça de sua juventude, já tão remota. Izolda deve ter setenta e seis anos de idade. Puxa vida, é muito tempo. Olhando a foto com atenção, arrisco-me a traçar o perfil dessa matriarca. Traje simples, o vestido com estampas discretas, sapatos fechados sem salto, o cabelo grisalho amarrado ao modo de rabo-de-cavalo, as lentes brancas dos óculos de grau, o olhar muito firme e incisivo. Tudo fala da imponência de

Dôra Limeira

O afetuoso livro das cartas



ideia

Izolda enquanto matriarca de um grande clã. É consciente de si na pose e no traje, no olhar, no jeito da boca e no ar de riso.

Esta foto é muito significativa, Nomar. Uma parceira bastante representativa de sua família aí está congregada. Você, sua avó, sua mãe, seu irmão, sobrinho, tias e tios, além dos primos em primeiro, segundo e terceiro graus. Que bela confraternização. Se um dia organizarmos uma exposição de imagens familiares para alguma eventual festividade de importância, certamente esta foto será imprescindível. Meu primo, devo lhe confessar que nunca em minha vida eu tinha visto uma família com tanta gente assim, harmonizada. Não num único retrato, pode crer.

Quem me dera ver essa sua gente reunida, ao vivo, num só conagração. Provera Deus que um dia eu possa testemunhar todas essas pessoas, sua família, minha família, nossas ramificações espalhadas pelo mundo, olhando-nos, conversando, rindo, abraçando-nos pessoalmente. Se isso um dia chegar a acontecer, meu querido primo, haveremos de compartilhar nossas histórias, nossas coisas engraçadas, nossos folclores, nossas dores. E nos admiraremos das sagas atravessadas ao longo do tempo, desde muito antigamente. Sua avó Izolda terá vários instantes de lucidez e lembrará de acontecimentos passados, seus eventos, suas histórias, os lances da convivência com os filhos. E recordará o quanto foi apaixonada pelo marido, seu único namorado. Em nosso hipotético encontro ao vivo, teremos direito de chorar juntos, de falar, de sorrir e até de gargalhar. Muitos de nós tivemos ganhos e perdas ao longo da vida, muitas batalhas, meu querido primo.

Pena que o seu avô Laerte não esteja na foto. Com certeza já tinha falecido. Vejo isso estampado no rosto de Izolda. Você e as demais pessoas podem até nem perceber, mas eu percebo. Podem até pensar que Izolda é muito feliz, que o marido hoje é coisa do passado. Mas eu sei que não. Sei que, por trás dessa placidez de setenta e seis anos, a pobre Izolda sente falta de alguém para conversar antes de dormir, alguém que lhe cubra o corpo nas friagens da madrugada, que feche as portas e janelas da casa e lhe passe a segurança de que toda mulher precisa. Sou sensível às fotografias da solidão, meu primo.

Desde muitas décadas que existimos e eu me pergunto: o que nos manteve tão distantes durante todo esse tempo? Morando na mesma cidade, quem sabe frequentando mesmos lugares e acontecimentos, que coisa nos afastava? Mas sempre é tempo de compreender, tempo de perdoar, interagir, tempo de tantas coisas, querido Nomar.

Que felicidade ter encontrado você, há alguns meses, na porta daquela livraria de shopping em meu bairro. Foi a primeira vez que nos vimos pessoalmente, lembra? Você olhou para mim, abordou-me dizendo que sempre quis me conhecer ao vivo. Minha única reação foi pensar puxa vida, que menino bonito. Você me disse que tínhamos um sobrenome comum e que, portanto, éramos da mesma família. Você disse outra coisa, mais outra coisa. Você disse muitas coisas. Eu também falei muito, quis saber de tudo, quem eram seus pais, seus avós. Em meio aos livros e ao burburinho do ambiente, sob o olhar complacente de um João Cabral estampado num cartaz da parede da livraria, fizemos nossas

apresentações. Você disse eu sou neto de Laerte e Izolda, sou filho de Flaviana. Eu continuei reagindo do mesmo jeito puxa vida que menino bonito. Apresentei-me dizendo sou filha de Eloiza e José Albino, naturais do sertão. Ah, meu primo, não sei que estalo de consciência me deu naquele momento, mas desconfeiei, nas entrelinhas, que tínhamos algo em comum, além dos laços de parentesco. O tempo, a convivência e a paulatina intimidade comprovariam, mais tarde, que meu pressentimento fazia sentido. De fato, descobrimos que temos muitas afinidades. Gostamos de ler, amamos literatura. Você gosta de escrever, eu também gosto. Muitos de nós dessa enorme família nos identificamos, nos afiamos em diversas áreas. E não sabíamos.

Voltando ao tema da fotografia, em sua última carta você me diz que sua avó Izolda é mãe de muitos filhos. Se não me engano, dezoito. Se é assim, no retrato não está nem a metade de sua família, penso eu. Arris-co-me a fazer um cálculo: se Izolda é mãe de dezoito filhos, imagino que deve ter hoje uns trinta e seis netos no mínimo, além dos bisnetos. Meu amigo, é muita gente, puxa vida. Parabéns pela linda tribo.

Não sei se você se interessaria em ver alguns retratos do meu ramo familiar. Como você bem pode imaginar, não somos tão bonitos quanto vocês. Mas se quiser posso enviar na próxima carta.

Encerro por aqui esperando que você me retorne. Com certeza teremos muito o que nos dizer.

Transmita minhas recomendações a seus familiares. Para você, meu abraço.

Sua prima, Ismália.

João Pessoa, 10 de julho de 2008

Meu querido primo Nomar,

Antes de tudo, desejo que você esteja bem juntamente com todos aqueles que lhe são queridos. Aqui no meu bairro tem chovido muito. Quem mais sofre são os moradores das casas de periferia, as águas invadem tudo sem pedir licença. Quando vejo as imagens desoladas na televisão, dou graças ao misericordioso Deus por estar abrigada em minha casa, na segurança de meu chão, meu teto e minha família. Quanto à saúde, ultimamente minhas antigas vertigens me assediavam, eu me inclino aqui, me apoio acolá. Sou uma verdadeira gangorra. Ora estou bem, ora estou mal, mas nada de tão grave. São sintomas dessa transição para idade mais avançada. Que tempo chuvoso, querido primo.

Eu teria muito a lhe falar nesta missiva. Infelizmente, o espaço é pequeno, não comportaria todas as coisas que desejo incluir. Por esse motivo, devo priorizar alguns assuntos, mesmo tendo que me restringir um pouco nas palavras.

Começo este parágrafo abordando sobre os possíveis motivos que teriam levado nossas famílias a um distanciamento tão prolongado. Há muitos anos não vejo sua avó Izolda. A última vez que a avistei meus filhos ainda eram pequenos. Nunca mais vi sua mãe Flaviana, suas tias e tios. Quando de nossos últimos contatos, alguns de seus familiares eram crianças, outros

eram adolescentes. Faz muito tempo, meu primo. Quantos anos. Seus tios já devem estar com os cabelos grisalhos.

Lembro-me de uma época em que seu avô Laerte frequentava muito nossa casa. Tinha um carinho especial por minha mãe, a Tia Eloiza, como ele a chamava. Embora eu muito admirasse seus avós Laerte e Izolda, devo lhe confessar, meu querido Nomar, que eles tinham mais intimidade com a minha mãe do que comigo e minhas irmãs. Laerte e minha mãe conversavam tardes inteiras, horas esquecidas. Contavam piadas, riam muito da vida e do tempo. Eles dois trocavam histórias de todo tipo. Histórias de rotina, histórias engraçadas, fatos pitorescos do cotidiano de cada um deles. Suas cumplicidades às vezes eram incompreensíveis aos olhos de quem assistia de longe. Minha mãe era muito mais velha do que Laerte que, por sua vez, já tinha os cabelos grisalhando. Mas pareciam adolescentes, riam como dois colegiais. Nos fins de semana, chegava toda a família em minha casa para as visitas de costume. Laerte, Izolda e a meninada adentravam nosso casarão, ao som da voz grave e altissonante de Laerte. Tia Eloiza, chegamos, toma-se cafezinho nesta casa? Em meio à alegria geral, minha mãe, pressurosa, fazia cafezinho, preparava suco de frutas ou servia refrigerantes e biscoitos. Eu pouco participava daquelas confraternizações. Era muito nova, bicho do mato e irresponsável ainda. Eram lindas as crianças de Izolda e Laerte. As meninas, inquietas, mexiam em tudo, espalhavam panelas no chão da cozinha, insultavam a gata com os filhotes de baixo da geladeira. Os meninos gostavam de coisas perigosas, brincavam com fósforos ou se debruçavam na borda do cacimbão de nosso quintal para insultar uma

tartaruga enorme que havia nas profundezas. Divertiam-se provocando que ela subisse à superfície. "Suba suba tataluga, suba suba tataluga", e jogavam pedaços de pão na superfície da cacimba. O alarido e as peripécias das crianças aconteciam sob o olhar admoestador de Izolda e o ar de riso de Laerte. Deixa disso, menino. Izolda ralhava, ameaçava com chineladas na bunda, mas acabava rindo. Eram sadios os filhos de Laerte e Izolda, inteligentes e curiosas crianças. Apesar de não participar diretamente daquela euforia, sentia-me bem com a presença daquela família em minha casa, eu gostava da agitação e da barulheira. Eram tempos saudáveis, aqueles tempos.

Mas, lamentavelmente, querido primo, depois que minha mãe morreu, esse laço que unia sua gente à minha gente foi se quebrando. Avistar Laerte passou a ser acontecimento raro. Sem que se percebesse, a distância se acentuou e acabamos perdendo os contatos. Hoje, causa-me espécie o fato de Laerte, Izolda e a família terem se afastado de nossas vidas, como se levados por um ciclone ou não sei que outro fenômeno.

E agora, por mais que tente concatenar as ideias, não consigo lembrar qual teria sido o momento exato de nosso afastamento, não consigo situar as circunstâncias que o motivaram. Quem sabe o falecimento de minha mãe tenha contribuído para isso. Provavelmente sim. As lembranças jazem, nebulosas, em algum lugar recôndito de minha memória. E nada mais me ocorre. Ponho-me a imaginar que as próprias circunstâncias da existência tenham levado as pessoas a seguir caminhos diferenciados conforme seus próprios interesses, seus próprios destinos.

Algum tempo após a morte de minha mãe, demos o casarão onde passamos muito tempo de nossas existências. À época, minha irmã mais velha já morava no Rio. Minha irmã mais nova vivia em São Paulo. Eu morava aqui mesmo na cidade, numa praia mais ou menos distante. Minhas outras duas irmãs residiam num conjunto residencial novo, longe daqui. Eu tinha dois irmãos que há muito tempo moravam em São Paulo. Meu irmão mais velho há anos fixara residência em Curitiba. Dos meus irmãos homens, apenas um vivia aqui na cidade. Todos tinham ocupações, problemas, conflitos, cada grupo familiar tinha seus próprios interesses. Portanto, no dia da morte de minha mãe, como você pode observar, boa parte da família estava dispersa, espalhada país adentro.

Pois então, meu amoroso Nomar, desculpe o tom nostálgico desta carta, mas não tive como evitar. E, usando um lugar-comum, eu lhe digo que a vida é assim mesmo. As pessoas se dispersam, as famílias se espalham, tomam seus próprios rumos. Até mesmo as pedras se deslocam. Como você deve ter percebido, tentei, neste parágrafo, elaborar uma conclusão a respeito desse distanciamento familiar de muitos anos. Vejo que não cheguei a conclusão alguma. Esgotadas as tentativas, o jeito é entregar tudo a Deus, tal como O concebo, e tocar o barco conforme Seus desígnios.

Para não me alongar mais e não abusar de sua paciência, vou ficando por aqui. Que Deus do céu me ajude, como diz aquela canção popular.

Termino mandando um abraço a todos os seus, tanto aos que me conhecem quanto aos que não me conhecem. Recomende-me à sua mãe e a Izolda. Diga a

Izolda que guardo boas recordações dela. E para você, meu querido primo, um grande abraço e um beijo. Sua prima que o estima,

Ismália.

João pessoa, 18 de novembro de 2008

Meu querido primo em terceiro grau, não repare se nesta carta não respondo a todas as questões levantadas por você ultimamente. São tantas as coisas. Prefiro ir respondendo por parte.

Pois é, primo. É assim que lembro de sua avó Izolda, quando mais nova. Ativa, cuidando de tudo em casa, supervisionando. É pena que Laerte tenha ido logo, fez-lhe muita falta, é óbvio. Os filhos, por sua vez, saíram um por um, procurando seus caminhos e seus próprios espaços. Sei o que é isso, meu primo. Para mim foi difícil me adaptar a esse tipo de solidão. Não é nada fácil. Quando jovem, também tive minha vida muito ativa, cuidando das crianças, trabalhando em casa e dando aulas em colégios distantes, administrando conflitos domésticos com marido, com empregada. Claro, com filhos também, por que não? Sempre trabalhei fora de casa desde muito cedo. Sempre dei aulas a muitas e numerosas turmas. Levei para casa tarefas extenuantes, preparar e corrigir provas, preparar aulas e apostilhas, selecionar textos para estudos, datilografar e mimeografar material para pesquisas. Ministrava aulas nos tempos da ditadura militar, tinha medo e muito cuidado com o que ensinava aos alunos. A repressão era muito intensa à época.

Consegui administrar bem minha relação com os alunos e com todos os que compunham meu universo

doméstico/profissional. Minha casa era sempre repleta de pessoas e de energia, meu marido era músico, regente de coral. Dentro dos limites impostos pela ditadura, fazia músicas para cinema, teatro e igreja. Relativamente jovem, terminei de criar os filhos. Meu marido faleceu aos cinquenta e quatro anos. Meu filho se suicidou cedo. As filhas foram saindo, algumas para casar, outras saíram sem casar mesmo, em busca de seus próprios rumos. E assim minha solidão foi sendo construída. Mas tenho a sorte de Deus ter me dado compensações, querido Nômar, que me salvam de um esquecimento definitivo. Minhas filhas e meus netos, ainda que na maioria afastados fisicamente, estão sempre me visitando e me rejuvenescendo, passando-me essa energia que você viu em minha casa naquele meu aniversário. Creia-me, primo, é sempre uma festa quando estão todos aqui. Um canta, outro dança, outro toca, outro escreve, outro faz teatro, faz mogaça. Através de minhas filhas e netos, tenho feito amizades lindíssimas, gente sem preconceitos, gente que me quer bem sem querer saber se sou velha, se sou nova, se bonita, se feia, sobretudo sem me perguntar qual minha idade. Para equilibrar meu astral, recentemente aprendi a lidar com os rudimentos básicos da internet, através da qual tenho encontrado pessoas fantásticas. Conhecer pessoas como você, primo, já é algum motivo para não ser infeliz, um motivo para querer viver mais.

Meu querido Nômar, abro este parágrafo para lhe falar um pouco sobre meu filho. Em suas cartas, você sempre me pergunta por ele, se ele estuda, se trabalha, se namora. Não, Nômar, hoje ele não faz mais nada disso. Ele entrou numa depressão profunda, da qual não

mais saiu e suicidou-se aos 30 anos. Não quero me aprofundar sobre isso, só digo a você que, com a morte de meu filho, eu também entrei em depressão, perdi 22 quilos. Foi um longo e doloroso luto. Após oito anos, comecei a me notar mais vaidosa, vestindo cores claras. Aos poucos, fui saindo de mim e integrando com o mundo em redor. A arte foi minha grande saída. Teatro, cinema, literatura, um universo novo me abria as portas.

Y como se fuera poco, a vida me revelou que tenho o dom da escrita, coisa que descobri já com a idade mais ou menos avançada. Escrevo sempre. Umas vezes muito, outras vezes pouco. Freqüento e amo o Grupo da Prosa, porque lá as pessoas compartilham o que escrevem e assim deixam de ser sozinhas em seus escreveres. Há sempre um feed-back, e isso é muito bom.

Como você pode ver, eu me rebelo contra o inexistente, contra o inevitável e o irreversível. Você me acha uma pessoa de grande vitalidade. Pois bem, Noé, é desse meu jeito de existir que advém minha vitalidade e minha energia. Muito obrigada por você me dar tanta juventude assim de graça.

Puxa vida, escrevi demais. Desculpe o tamanho desta carta, às vezes sou compulsiva na escrita. Deixo aqui minha despedida e meu beijo. Já é muito tarde, aqui são duas da madrugada, por isso vou chegando.

Sua prima e amiga de sempre,

Ismália.